

Revista Ave Maria

Ano 128 | Julho 2026

FÉ QUE
ATRAVESSA GERAÇÕES
E O ESCAPULÁRIO DE
**NOSSA
SENHORA
DO CARMO**



REPORTAGEM

Permanecer humano em
tempos de algoritmos

JUVENTUDE

Redes Sociais: bem
ou mal à verdade?

CRISTOLOGIA

O rosto de Jesus no
Evangelista Lucas

Claretiano

A faculdade que é **mais+** por você.

+ de 110
polos pelo Brasil



Encontre o polo
mais perto de você

Mais de 30 cursos
de **Graduação.**

Confira, também, os cursos de
2º Graduação e Pós-graduação.



VESTIBULAR • INSCREVA-SE

claretiano.edu.br

0800 34 41 77 • (16) 3660 1777  Atendimento via WhatsApp


Claretiano
CENTRO UNIVERSITÁRIO



A MANSIDÃO QUE VENCE O MUNDO

Este novo mês chega ao nosso encontro em um clima de expectativa e contrastes. Enquanto os olhos do planeta se voltam para a grande final da Copa do Mundo, no dia 19, celebrando o triunfo do esforço humano e a união das nações em torno de um gramado, a liturgia de julho nos convida a olhar para um tipo diferente de vitória: aquela que não se conquista com exércitos, carros de guerra ou placares, mas com a mansidão e a fé.

A liturgia de todo este período é um bálsamo para um tempo marcado por ruídos e polarizações. Exemplo disso vem do profeta Zacarias (cf. 9,9-10) quando nos apresenta o Messias que entra em Jerusalém não montado em um cavalo de raça, símbolo de poderio militar, mas “simples e montado num jumento”. É o Rei que “suprimirá os carros de guerra” e “proclamará a paz entre as nações”. Em um mundo que ainda tenta resolver diferenças pela força, Jesus se apresenta como o “manso e humilde de coração”, oferecendo repouso para as almas aflitas sob o fardo do legalismo e da violência.

A proposta de “vinho novo em odres novos” (cf. Mt 9,17) exige de nós uma mudança de mentalidade. O Evangelho nos mostra que a fé não é um ato isolado. É a fé da comunidade que carrega o paraplégico até Jesus. É a oração e o cuidado que curam não apenas o corpo, mas a alma. Em contrapartida somos alertados pela

parábola do joio e do trigo (cf. 16º Domingo do Tempo Comum, em 19 de julho) sobre a nossa impaciência. Frequentemente, queremos “arrancar o joio” do mundo e do coração alheio com pressa, esquecendo que a paciência de Deus é o que permite a nossa própria conversão. Como nos ensina a liturgia, o mal não vem de Deus, mas nasce quando cedemos ao egoísmo; cabe a nós, como o semeador, cultivar a “terra boa” para que a Palavra produza frutos a cem por um.

Neste mês, celebramos também o VI Dia Mundial dos Avós e dos Idosos (26 de julho), sob o tema “Eu nunca te esquecerei”. Em uma sociedade que muitas vezes descarta o que não parece “produtivo”, a Igreja nos recorda que a sabedoria, aquela que Salomão pediu a Deus em vez de riquezas, reside na memória e no afeto. Os idosos são os “tesouros escondidos” e as “pérolas de grande valor” que devemos proteger. Que a Virgem do Monte Carmelo, cuja festa celebramos no dia 16, ensine a nós o valor do “sim” incondicional. Que, a exemplo de Maria Madalena, tenhamos a coragem de buscar o Senhor mesmo quando ainda está escuro, tornando-nos operários de uma messe que é grande e urgente. Que este julho seja o tempo de trocar a espada pela paz desarmada e o orgulho pela simplicidade do jumentinho, pois é na humildade que o Reino de Deus verdadeiramente se manifesta entre nós.●



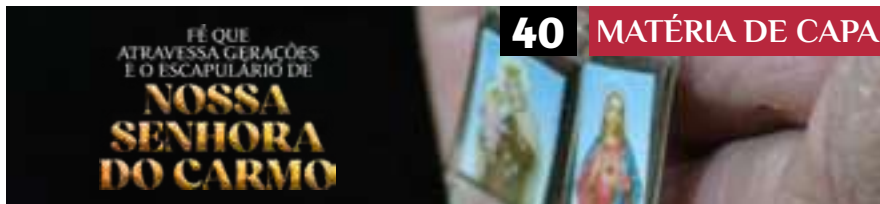
Ave Maria

128 anos

Notas Marianas

SINAL DA CRUZ

Fazemos o sinal da cruz para lembrar que fomos salvos pela cruz de Cristo (cf. 1Jo 3,5; 4,10) e batizados em nome do Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19). É uma prática muito antiga da Igreja, pois já no século II Tertuliano recomendava: “Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando iniciamos as refeições, quando vamos nos deitar, quando nos sentamos, nessas ocasiões e em todas as nossas demais atividades, persignamo-nos a testa com o sinal da cruz” (160-220 d.C.).



MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

5 A CONEXÃO ENTRE DEUS E A HUMANIDADE

6 ESPAÇO DO LEITOR

REFLEXÃO BÍBLICA

7 O DISCURSO DA SALVAÇÃO

9 ACONTECE NA IGREJA

SANTO DO MÊS

12 SANTA PAULINA DO CORAÇÃO AGONIZANTE DE JESUS

MÚSICA SACRA

14 CANTAR AQUILO QUE SE VIVE

DIÁLOGO

16 PAZ, DIÁLOGO E CULTURA DO ENCONTRO: COMO FALAR DESTE TEMA EM MEIO ÀS POLARIZAÇÕES?

CONCÍLIO VATICANO II

18 DEI VERBUM: A CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SOBRE A DIVINA REVELAÇÃO

ESPECIAL ANO CORDIMARIANO

20 O CORAÇÃO DE MARIA, CORAÇÃO DA IGREJA - ESCUTA OBDIENTE, COMUNHÃO COM CRISTO E SERVIÇO FECUNDO AO MUNDO

RELIQUIAS CATÓLICAS

26 A SANTA CASA DE LORETO

LANÇAMENTO

28 MINIMALISMO CRISTÃO



REPORTAGEM

30 PERMANECER HUMANO EM TEMPOS DE ALGORITMOS

IGREJA DIGITAL

34 COORDENAR E SERVIR: A MISSÃO DE TODA A PASCOM

CRISTOLOGIA

36 O ROSTO DE JESUS NO EVANGELISTA LUCAS

CRÔNICA

38 QUANDO A MENTIRA VESTE ROUPA DE VERDADE

SANTUÁRIOS BRASILEIROS

46 MOSTEIRO DO PRECIOSÍSSIMO SANGUE DE JESUS EM JACAREZINHO (PR)

48 PALAVRA DO PAPA

CATEQUESE

48 O QUE SERIA A IGREJA EM SAÍDA NESTAS "ESTRADAS DIGITAIS"?

DESCOMPLICANDO A FÉ CATÓLICA

52 O ESCAPULÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

TRADIÇÃO

54 CONHEÇA O COSTUME BENEDITINO E FRANCISCANO DA TROCA DE PEIXES E AZEITE

JUVENTUDE

56 REDES SOCIAIS: BEM OU MAL À VERDADE?

SAÚDE

58 AUTOCAUIDADO NÃO É EGOÍSMO

RELAÇÕES FAMILIARES

60 A CASA COMO ESPAÇO DE MISSÃO DE TODO CRISTÃO

VIVA MELHOR

62 OITO DICAS SIMPLES PARA ALIVIAR O ESTRESSE

EVANGELIZAÇÃO

64 DESAFIOS PARA AS CULTURAS JUVENIS

66 SABOR & ARTE NA MESA

Direção Administrativa

Rodrigo Godoi Fiorini

Direção Editorial

Lúis Erlin (MTB 52736/SP)

Gerência Editorial

Álison Henrique Monte

Editor Assistente

Isaias Silva Pinto

Projeto Gráfico

Rodrigo Henrique da Silva

Diagramação

Fabio Fernando Torrezan

Correspondências

Rua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP, 01226-000, revista@avemaria.com.br

Anúncios

Thiago Alves, Tel.: (11) 3823-1060
divulgacao.revista@avemaria.com.br

Produção Editorial



Conselho Editorial

Álison Henrique Monte,
Isaias Silva Pinto, Pe. Lúis Erlin, Pe.
Rodrigo Fiorini, Sérgio Fernandes, Caio
Vieira, Thiago Alves e Valdeci Toledo.



Revista Ave Maria é uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 1980-7872, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.



A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group). Bangalore; Barcelona; Buenos Aires; Chennai; Colombo; Dar es Salaam; Lagos; Macau; Madri; Manila; Owerri; São Paulo; Varsóvia; Yaoundé.

Imagem da capa

Fabio Fernando Torrezan

f /revistaavemaria
@revistaavemaria
revistaavemaria.com.br

A CONEXÃO ENTRE DEUS E A HUMANIDADE

◆ Pe. Brás Lorenzetti, cmf ◆

Os seres vivos tendem a se aproximar. As pessoas possuem um magnetismo que, por um lado, pode energizar ou, por outro, também pode sugar. Essa troca de energia é comunicação e a buscamos porque restabelece o nosso equilíbrio e nos tira da solidão. Dessa forma, a aproximação nos faz bem porque a comunicação significa troca de energia.

Algumas pessoas são assim: simplificam a vida, descomplicam a existência e a tornam mais leve. Uma situação desesperadora é amenizada, uma verdadeira tempestade se transforma em bonança, os piores momentos se tornam possíveis de ser enfrentados. Se é assim na vida a ponto de se transformar em vida nova, o mesmo também acontece na vida espiritual e, em especial, na nossa prática da oração e na devoção a Maria.

Essa energia, que se chama virtude, de nossa parte é adquirida pela oração e pela contemplação. Assim como acontece com a bateria de um aparelho, que se energiza pela conexão à fonte, também nós nos “energizamos” pela graça, com a oração. Em nossa relação com Deus e com a Virgem Maria, quanto mais nos aproximamos em oração, no nosso dia a dia, mais adquirimos as virtudes que lhe são próprias ou que nós estamos dispostos a acolher. Que virtudes seriam essas? As mais próximas e simples são fé, esperança, caridade e obediência.

Pela fé, Maria acreditou no projeto de Deus a seu respeito, não teve por que duvidar; pela esperança, Maria acreditou firmemente que Deus seria fiel ao cumprimento de sua promessa; enfim, pela caridade, Maria viveu intensamente a sua vocação à maternidade e à vida, dando a Jesus o que podia haver de melhor: sua doação e seu carinho. Pela obediência, Maria se aproxima de nós e nos ensina a confiança total nos desígnios de Deus.



Imagem: Guadimig / commons.wikimedia.org

Para alcançar a maturidade na fé, o caminho é intensificar a vida espiritual, buscando em Maria o modelo para alcançar a união perfeita com o Pai. ●

LADAINHA DO PRECIOSÍSSIMO SANGUE DE JESUS

◆ Da Redação ◆

Conheça e aprenda a rezar a bela Ladainha do Preciosíssimo Sangue de Jesus, sangue esse que nos conquistou a salvação. Rezemos juntos.

Senhor, **tende piedade de nós.**
Cristo, **tende piedade de nós.**
Senhor, **tende piedade de nós.**

Jesus Cristo, **ouvi-nos.**
Jesus Cristo, **atendei-nos.**

Deus Pai dos Céus,
tende piedade de nós.
Deus Filho, redentor do mundo, **tende piedade de nós.**
Deus Espírito Santo,
tende piedade de nós.
Santíssima Trindade, que sois um só Deus, **tende piedade de nós.**

Sangue de Cristo, unigênito do Eterno Pai, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, sangue do Verbo de Deus encarnado, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, sangue do Novo e Eterno Testamento, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, correndo pela Terra na agonia, **salvai-nos.**

Sangue de Cristo, manando abundante na flagelação, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, gotejando na coroação de espinhos, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, derramado na cruz, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, preço da nossa salvação, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, sem o qual não pode haver redenção, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, que apagais a sede das almas e as purificais na Eucaristia, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, torrente de misericórdia, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, vencedor dos demônios, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, fortaleza dos mártires, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, virtude dos confessores, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, que suscitais almas virgens, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, força dos tentados, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, alívio dos que trabalham, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, consolação dos que choram, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, esperança dos penitentes, **salvai-nos.**

Sangue de Cristo, conforto dos moribundos, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, paz e doçura dos corações, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, penhor de eterna vida, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, que libertais as almas do Purgatório, **salvai-nos.**
Sangue de Cristo, digno de toda a honra e glória, **salvai-nos.**

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, **perdoai-nos, Senhor.**
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, **ouvi-nos, Senhor.**
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, **tende piedade de nós, Senhor.**

V. Remistes-nos, Senhor com o Vosso Sangue.

R. E fizestes de nós um reino para o nosso Deus.

Oremos: Todo-Poderoso e Eterno Deus, que constituíste o vosso unigênito Filho, Redentor do mundo e quisestes ser aplacado com o seu sangue, concedei-nos a graça de venerar o preço da nossa salvação e de encontrar, na virtude que Ele contém, defesa contra os males da vida presente, de tal modo que eternamente gozemos dos seus frutos no Céu. Pelo mesmo Cristo, Senhor nosso. Amém.●



QUEREMOS SABER A SUA OPINIÃO
Envie uma mensagem pelo nosso site ou uma carta para
Rua Martim Francisco, 636, 2º andar, Santa
Cecília, São Paulo, CEP 01226-002

O DISCURSO DA SALVAÇÃO

◆ Pe. Antonio Ferreira, cmf ◆

No centro do discurso escatológico (sobre a salvação) de Jesus no Evangelho de Mateus 24-25 encontra-se um ensinamento marcado pela esperança. A vida cristã, atravessada por períodos de incerteza e provação, é sustentada pela confiança nas promessas de Deus e não pelo medo, por isso, o Evangelho convida a olhar a história com lucidez, reconhecendo os riscos do engano sem perder de vista a fidelidade divina e a realização do Reino.

Logo no início do discurso, Jesus adverte sobre a presença de falsos messias e falsos profetas, capazes de produzir sinais que podem desorientar muitos – “Irão levantar-se muitos falsos profetas e seduzirão a muitos” (Mt 24,11) –, e acrescenta “Eis que estais prevenidos” (Mt 24,25). O objetivo desse alerta de forma alguma é o de provocar medo, mas despertar o discernimento. O discípulo é chamado a permanecer vigilante, sem se deixar seduzir por ilusões ou falsas seguranças.

Essa vigilância nasce de uma esperança que se traduz em compromisso concreto. A esperança cristã não afasta o fiel da realidade, mas lhe dá razões para agir

dentro dela. Como afirma a Carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, ela “encoraja o cristão a não perder de vista a meta final (...) e oferece razões sólidas para um compromisso cotidiano de transformação da realidade” (46). Assim, a expectativa do Reino não conduz à passividade, mas fortalece o empenho diário no bem e sustenta a caminhada rumo à plenitude prometida por Deus.



A vigilância consiste numa disposição espiritual de permanente atenção ao Senhor que vem



O Novo Testamento insiste nessa expectativa vigilante, exortando os discípulos a permanecerem despertos e prontos para acolher, a cada dia, a graça divina. Esperar Cristo não significa afastar-se do mundo, mas viver nele com responsabilidade, fidelidade e consciência.

O discurso atinge seu ponto culminante no relato do juízo final (cf. Mt 25), quando a fé é avaliada a partir do amor concretamen-

te vivido. O critério apresentado por Jesus não se limita às palavras ou às práticas religiosas exteriores, mas se revela na relação com aqueles que sofrem. A doutrina social da Igreja recorda que Cristo se identifica com “os menores” entre os seres humanos e que o cuidado com os necessitados possui valor decisivo diante de Deus.

Reconhecer Cristo nos pobres e excluídos pertence ao núcleo do Evangelho. O *Catecismo da Igreja Católica* afirma que “É pelo que fizeram aos pobres que Jesus Cristo reconhecerá os seus escolhidos” (2443), acrescentando que quando “a Boa-Nova é anunciada aos pobres, manifesta-se a presença do próprio Cristo” (2443). A misericórdia, portanto, torna-se lugar concreto de encontro com Deus.

Nos evangelhos, a atuação de Jesus é marcada pela proximidade com aqueles que ocupavam os lugares menos valorizados de seu tempo: os doentes, os excluídos, os pecadores e todos os que experimentavam algum tipo de abandono. Neles se manifesta de modo particular o anúncio do Reino de Deus.

Essa perspectiva confere especial relevância à situação dos que

sofrem as consequências da pobreza e da injustiça. A fé cristã não permite ignorar tais realidades. O modo como Jesus acolheu e acompanhou os mais vulneráveis tornou-se referência para a vida de seus discípulos, chamados a reconhecer a dignidade de cada pessoa e a responder com solidariedade às necessidades concretas dos irmãos.

Simultaneamente, o Evangelho repele qualquer hermenêutica reducionista ou estritamente atomizada da categoria “o menor”. A solicitude para com os desvalidos transcende a assistência direta ao indivíduo, exigindo o enfrentamento deliberado das estruturas sistêmicas de injustiça que engendram a desigualdade e a marginalização social.

Nessa perspectiva, a escatologia do juízo final desvela não apenas a responsabilidade ética subjetiva, mas também as patologias coletivas da indiferença institucionalizadas no tecido social. A caridade, portanto, consolida-se como um dever de justiça que demanda a transformação das dinâmicas de exclusão vigentes na pólis.

A esperança cristã, por sua vez, sustenta a caminhada humana porque se fundamenta na fidelidade de Deus e na promessa dos “novos Céus” e da “nova Terra” anunciados nas Escrituras. Assim, o discurso escatológico conduz a uma questão essencial: a espera pelo encontro definitivo com Cristo se manifesta concretamente na prática da misericórdia? Quando a vigilância se traduz em cuidado

pelos pobres e sofredores, a esperança cristã deixa de permanecer apenas nas palavras e passa a orientar a própria vida.

O discurso escatológico, portanto, reúne dois movimentos inseparáveis: discernir para não ser enganado e amar concretamente para reconhecer Cristo no rosto dos irmãos mais necessitados. É nesse encontro entre vigilância e misericórdia que se revela, diante do Senhor, a verdade do coração humano. ●

Referências

FABRIS, Rinaldo. *O Evangelho de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1996.

JOÃO PAULO II. *Tertio Millennio Adveniente: carta apostólica sobre a preparação para o jubileu do ano 2000*. São Paulo: Paulinas, 1994.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.



Imagem: Bíblia Bowyer, edição nº 4000 / commons.wikimedia.org

PAPA LEÃO XIV EXORTA SACERDOTES A VIVEREM A SANTIDADE NO CORAÇÃO DE CRISTO

Por ocasião do Dia da Santificação dos Sacerdotes, celebrado na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, o Papa Leão XIV dirigiu uma mensagem aos padres de todo o mundo manifestando carinho, gratidão e convidando-os a renovar diariamente o próprio “eis-me aqui” diante do coração trespassado de Cristo.

Inspirado na passagem bíblica “Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2), o Pontífice recorda que o chamado à santidade atravessa os séculos e continua a ressoar com força para todos os fiéis, de modo especial para os sacerdotes. Segundo ele, “A santidade não é uma opção entre tantas outras, nem um ideal abstrato: ela interpela a própria identidade de toda pessoa que deseja participar na vida do Ressuscitado”.

Em sua mensagem, o Papa destaca que a santidade é participação no mistério de Cristo. Embora os sacerdotes sejam chamados a participar da própria santidade de Deus, carregam esse tesouro “em vasos de barro”, marcados por limites, cansaços, fragilidades e feridas. Diante dessa tensão, Leão XIV afirma que o sacerdote encontra a paz “no peito aberto do Senhor Jesus”.

O Santo Padre também recorda que a união com o coração de Cristo não é uma experiência reservada a poucos, mas um caminho vivido no cotidiano, por meio da Eucaristia, da oração, da escuta da Palavra de Deus e do serviço humilde aos irmãos. Até mesmo o cansaço e os fracassos podem se tornar lugar de revelação do amor de Deus.

“O mundo tem uma grande necessidade de pastores que não ofereçam apenas palavras ou programas, mas o testemunho vivo dum coração reconciliado, espalhando o bom perfume da santidade de Cristo”, afirma o Papa. Para ele, uma vida sacerdotal con-



Imagem: Vatican News / Vatican Media

figurada ao coração de Jesus torna-se sinal de unidade, paz e misericórdia, especialmente em tempos marcados por divisões e medos.

Leão XIV ressalta ainda que a resposta à vocação para a santidade não está apenas no esforço de ascetismo e perfeição, embora necessário, mas, sobretudo, na adesão confiante ao amor revelado no coração trespassado de Jesus. Esse coração é apresentado como ícone do amor de Deus, “um amor todo-poderoso precisamente porque capaz de se fazer vulnerável, de transformar a dor em graça e o sofrimento em esperança”.

O Papa também afirma que a santidade do sacerdote se manifesta na proximidade humilde e corajosa, no ser “de todos e para todos”, mantendo aberta a porta do redil para que muitos possam encontrar descanso, por isso, recorda que a relação com Deus não deve afastar os sacerdotes das pessoas, mas

torná-los ainda mais próximos, pois “uma santidade não se vive a sós”.

Ao falar da fraternidade presbiteral, Leão XIV adverte: “O sacerdote que se isola, apaga-se lentamente; o sacerdote que caminha com os irmãos, cresce”. Por fim, ele convida cada sacerdote a renovar todos os dias o seu “eis-me aqui” diante do coração de Cristo, entregando-se inteiramente a Ele para amar o povo com o mesmo amor do Senhor.

“Lembra-vos com alegria, como gostava de repetir o Santo Cura d’Ars, que ‘o sacerdócio é o amor do coração de Jesus’”, conclui o Papa, confiando todos os sacerdotes à Virgem Maria, Mãe dos Sacerdotes, para que ela os ensine a conservar e deixar pulsar em si o Coração de Cristo, Salvador do mundo. ●

Fonte: com informações de Gaudium Press

CONGRESSO MUNDIAL DA MISERICÓRDIA SERÁ REALIZADO NO BRASIL EM 2029

A Diocese de Lorena (SP) sediará, em 2029, o VII Congresso Apostólico Mundial da Misericórdia. As atividades serão concentradas na Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), a partir de convite feito pelo Dicastério para a Evangelização.

O anúncio foi realizado no dia 12 de junho, ao fim da edição do congresso em Vilnius, na Lituânia. Na ocasião, o pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização, Dom Rino Fisichella, declarou: “Após os momentos vividos em Roma, Cracóvia, Bogotá, Manila, Samoa e Vilnius podemos, agora, convidar o povo da divina misericórdia para a Diocese da Lorena, no Brasil, para o Congresso Apostólico Mundial da Misericórdia 2029”.

Dom Rino também destacou a confiança depositada na Canção Nova, definida por ele como um movimento “muito conhecido no Brasil e no mundo”,

chamado a acolher o próximo encontro mundial dedicado à Misericórdia de Deus.

Realizado geralmente a cada três anos, o congresso reúne fiéis de diversos países para momentos de oração, palestras, testemunhos, celebrações, adoração ao Santíssimo Sacramento e ações missionárias. Desde sua primeira edição, o evento já passou por Roma, Cracóvia, Bogotá, Manila, Apia e Vilnius.

Para a Comunidade Canção Nova, a escolha tem um significado especial. Segundo o presidente em exercício da comunidade, Padre Wagner Ferreira, a notícia foi recebida como o cumprimento de uma profecia. Em 2002, o fundador da Canção Nova, Padre Jonas Abib, sentiu-se movido por Deus a consagrar a comunidade como “o lugar da divina misericórdia”, a “casa da misericórdia”.

A espiritualidade da divina misericórdia também está presente na história do Santuário do Pai das Mi-



sericórdias, inaugurado em 2014 em Cachoeira Paulista. O local acolhe milhares de fiéis todos os anos e abriga, em seu presbitério, um mosaico inspirado na parábola do filho pródigo, expressando a misericórdia do Pai.

Além disso, a oração do Terço da Misericórdia é transmitida diariamente pelo Sistema Canção Nova de Comunicação e a Festa da Divina Misericórdia, celebrada no segundo domingo da Páscoa, continua reunindo grande público.

O bispo de Lorena, Dom Joaquim Wladimir Lopes Dias, também ressaltou a importância da escolha do Brasil para sediar um evento mundial da Igreja: “É motivo de grande honra e responsabilidade e da força evangelizadora presente em nosso país”.

Para o bispo, a escolha da Canção Nova levou em conta sua es-

trutura, sua experiência no acolhimento de peregrinos e sua missão evangelizadora reconhecida pelo Vaticano. “É um reconhecimento do trabalho realizado há décadas pela Comunidade Canção Nova”, destacou.

Dom Joaquim ainda afirmou que, para a Diocese de Lorena, receber o congresso representa um momento histórico: “Receber um congresso dessa magnitude fortalece ainda mais nossa missão de anunciar Jesus Cristo e testemunhar o amor misericordioso de Deus”.

Com isso, a Comunidade Canção Nova inicia os preparativos para acolher peregrinos de diversas partes do mundo em 2029, tornando-se, em dimensão mundial, a “casa da misericórdia”.●

Fonte: com informações de *Canção Nova Notícias*



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade: **um jeito diferente e alegre para a sua Igreja e procissão!**

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005

✉ lrsds76@gmail.com



9 DE JULHO



Imagem: Lorenzi / Wikipedia

SANTA PAULINA DO CORAÇÃO AGONIZANTE DE JESUS

RELIGIOSA
(1865-1942)

“Sede bem humildes; é nosso Senhor quem faz tudo; nós somos seus simples instrumentos. Confiai sempre e muito na divina providência; nunca, jamais, desanimeis, embora venham ventos contrários. Novamente vos digo: confiai em Deus e em Maria Imaculada; permaneci firmes e adiante! Recomendo-vos muito e muito a santa caridade entre vós e espe-

cialmente para com os doentes das santas casas, dos asilos etc. Tende grande amor à prática da santa caridade. Está terminada minha missão; morro contente e dou, de todo coração, a vós toda a minha bênção.”
(*Testamento espiritual de Santa Paulina*)

Amabile Lucia Visintainer, em religião Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, fundadora da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, nasceu em Vigolo Vattaro, Diocese de Trento (Itália), filha de Antonio Napoleone e Anna Pianezzer, a 16 de dezembro de 1865, segunda de catorze filhos, nove homens e cinco mulheres.

Foi batizada no dia seguinte ao nascimento e, segundo o uso do tempo, foi crismada a 27 de abril de 1874, durante a visita pastoral do bispo de Trento.

Pela pobreza dos familiares, como as outras meninas da localidade já aos 8 anos ajudou os pais no trabalho da *filanda* (fábrica de tecidos), atividade comum naquela região do Trento.

Durante a emigração sul-tirolesa de 1875 para o Brasil, a família de Napoleone Visintainer e Anna Pianezzer emigrou juntamente com cinco filhos, entre os quais Amabile, que contava com 10 anos.

VIDA NOVA EM VÍGOLO, SANTA CATARINA

Para o grupo trentino foram assinaladas terras para colonizar na província, hoje Estado, de Santa Catarina, ao sul do Brasil, onde logo nasceram vilas que, tendo no centro Nova Trento, tomaram os nomes das terras deixadas: Vígolo, Bezenello, Valsugana etc.

Religiosamente, a região era confiada ao pároco de Brusque, região alemã, mas, em 1879, por causa da presença de imigrantes italianos, foi confiada aos padres jesuítas da Província Romana.

Amabile, tendo mais ou menos 12 anos, fez a Primeira Comunhão e começou a ler.

Logo depois de sua chegada, o Padre Augusto Servanzi, superior da Residência de Nova Trento, confiou a Amabile, de 15 anos, e a uma sua amiga a limpeza da Capela de São Jorge, a leitura do *Catecismo da Igreja Católica* às crianças e a visita aos doentes.

Durante dez anos, dos 15 aos 25, ela foi fiel ao mandato recebido do Padre Servanzi, embora em 1887, ano da morte da mãe, devesse acudir à família: pai e sete irmãos, dos quais três em tenra idade, porque nasceram no Brasil.

O HOSPITALZINHO, O INÍCIO DE TUDO

Em 1890, o Padre Marcello Rocchi, missionário da Residência de Nova Trento, transformou a assistência aos doentes em domicílio naquele tipo hospitalar, naturalmente nos limites do possível, confiando, a pedido do povo, o serviço a Amabile e à sua amiga.

Com a transferência de Amabile e da companheira da casa paterna à limitadíssima habitação (de quatro por seis metros), já batizada pelo povo “hospitalzinho”, e onde foi recolhida a primeira cancerosa, a 12 de julho de 1890, nasceu aquela que, nos planos da providência, devia se tornar a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

O instituto começou na extrema pobreza, pelo que as primeiras irmãs, além do cuidado dos doentes e das órfãs e dos trabalhos na paróquia, para viver deviam trabalhar na roça, à meia, e na pequena indústria da seda, muito conhecida, segundo a tradição e a capacidade trentinas.

O instituto nasceu e permaneceu sob a direção dos padres da Companhia de Jesus: de 1890 a 1895, Padre Marcello Rocchi; de 1895 a 1921, Padre Luigi Maria Rossi; de 1921 em diante, Padre Giuseppe Gianella etc.

A PRIMEIRA APROVAÇÃO

O primeiro ato do Padre Rossi foi obter do bispo de Curitiba (PR) a aprovação do nascente instituto, em 25 de agosto de 1895, e regularizar a profissão dos votos a 7 de dezembro de 1895, quando Amabile tomou o nome religioso de Irmã Paulina do Coração Agonizante de Jesus.

Quando, em 1903, Padre Rossi foi transferido de Nova Trento para a cidade de São Paulo (SP), quis constituir Madre Paulina superiora-geral das duas comunidades, Vígolo e Nova Trento, já com cerca de trinta religiosas.

No mesmo ano, Padre Rossi chamou Madre Paulina para São Paulo e lhe confiou a direção de um orfanato na colina do Ipiranga.

A DURA PROVA DE MADRE PAULINA EM SÃO PAULO

De 1903 a 1909, o instituto passou para São Paulo com novas fundações, quatro sob o governo de Madre Paulina.

Em 1909, Madre Paulina precisou afrontar uma prova que duraria até sua morte. Por artimanhas de uma irmã, secretária e assistente, e pela ingerência de uma benfeitora, a autoridade da fundadora foi, dia por dia, diminuída.

Em agosto de 1909, por ordem do arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, e com a aprovação do Padre Rossi, Madre Paulina não foi reeleita pelas irmãs, artificialmente preparadas e convocadas para o capítulo-geral, que foi chamado o primeiro do Instituto.

De 1909 a 1918, Madre Paulina foi designada para Bragança Paulista (SP), como súdita, mas sempre tratada como “Veneranda Madre Fundadora”.

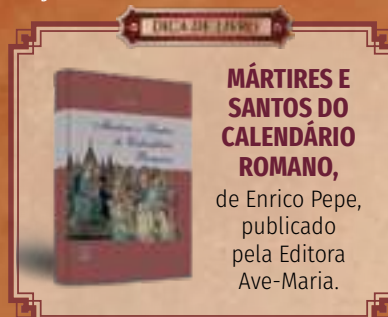
A nova superiora-geral, Madre Vicência Teodora da Imaculada Conceição, serviu-se dela não somente no governo mas também nas novas fundações e nas visitas canônicas, especialmente quando, depois de 1918, Madre Paulina foi chamada pela superiora-geral, com a permissão do Padre Rossi, para a casa-mãe em São Paulo.

UM EXEMPLO DE VIDA RELIGIOSA

Seja na vida de família, seja na vida religiosa, como fundadora, superiora-geral e súdita, Madre Paulina deu provas de intenso espírito religioso e de heroicas virtudes, sendo exemplo às religiosas no serviço aos doentes, às órfãs, aos idosos, na aceitação dos sofrimentos físicos causados pelo diabetes, em razão do qual precisou sofrer a amputação do braço direito. Morreu piamente no dia 9 de julho de 1942.

Em 31 de maio de 1967, seus restos mortais foram trasladados do Cemitério Santíssimo Sacramento, em São Paulo, onde fora enterrada, para a casa-geral no Ipiranga, na mesma cidade.

Foi beatificada pelo Papa João Paulo II, em Florianópolis (SC), aos 18 de outubro de 1991. Pelo mesmo Sumo Pontífice, foi canonizada, em Roma, Itália, aos 19 de maio de 2002. Sua festa litúrgica é no dia 9 de julho. ●



CANTAR AQUILO QUE SE VIVE

◆ Ricardo Abrahão ◆

A vida é soberana. Muitas são as teorias que procuram conduzir a humanidade, no entanto, várias precisam sempre ser revisadas, revisitadas e questionadas, eliminando alguns elementos e adquirindo outros necessários à contemporaneidade, pois a vida é movimento. Toda teoria envelhece quando perde a capacidade de se mover, isto é, quando perde a realidade. A vida, ao contrário, nunca se repete.

Uma das mais belas expressões da vida é a respiração – o ar que entra, o ar que sai, um sopro contínuo de troca e pertencimento

Que comunhão sagrada existe entre nós e as plantas: aquilo que um exala, o outro acolhe. Assim também são as teorias que permanecem vivas: nascem da experiência, respiram a realidade e se mantêm em comunhão com o existir. A vida, soberana, rompe nossas expectativas ilusórias, muitas vezes criadas pela distância

entre ideias pálidas e as essências intensamente coloridas do viver. Isso é realidade.

Frequentemente, percebo a desproporção entre teoria e prática. Cantar com espiritualidade não é uma ideia simplesmente, não bastaria somente “sentir no coração”, é muito mais que isso: é realizar aquilo que se ora quando se canta. O cristianismo é uma ideia que precisa de materialidade e o Céu começa na Terra. A Eucaristia é o maior modelo: somente por meio do pão e do vinho se faz comunhão.

A música cristã é reverberação da Eucaristia, da presença plena, da comunhão fraterna, do som que representa a materialização do amor. Uma espiritualidade sem realidade corre o risco até mesmo de se tornar patológica. Para o psicanalista Wilfred Bion, teorias que não vêm das experiências, das vivências, das implicações que a vida exige são pensamentos psicóticos, ou seja, ainda que pensamentos bonitos, não encontram realização. Existiria comunhão entre cristãos sem amar realmente?

Assim, o canto cristão é realidade que se faz da oração e da comunhão de todas as pessoas de boa vontade, construindo pontes entre o Céu e a Terra ●



Imagem: SHOTPRIME STUDIO / Adobe Stock



**PAZ,
DIÁLOGO E
CULTURA DO
ENCONTRO:**

**COMO FALAR
DESTE TEMA
EM MEIO AS
POLARIZAÇÕES?**

The image shows the interior of St. Peter's Basilica during the Second Vatican Council. The vast nave is filled with rows of bishops seated in red chairs, facing the altar. The architecture is grand, with high vaulted ceilings and classical columns. The lighting is warm, highlighting the ornate details of the church's interior.

CONCÍLIO VATICANO II

Imagem: Catholic Press Photo / Wikipedia

DEI VERBUM:

A CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SOBRE A DIVINA REVELAÇÃO

◆ Prof. Lino Rampazzo* ◆

No artigo anterior foi apresentado o grande acontecimento do Concílio Vaticano II, que transcorreu de 1962 até 1965. Lembramos que o Papa Leão XIV, no mês de janeiro deste ano, iniciou um ciclo de catequeses intitulado “O Concílio Vaticano II através de seus documentos”. O primeiro desses documentos a ser apresentado foi a Constituição dogmática *Dei Verbum* (a Palavra de Deus) sobre a revelação divina, que ressalta a relação entre Escritura e tradição, a inspiração bíblica, a importância da Palavra de Deus e o incentivo à leitura da Bíblia.

O Papa, na catequese do dia 14 de janeiro, enfatizou a revelação divina como um diálogo de amor e amizade entre Deus e a humanidade, destacando Cristo como a plenitude dessa revelação e a importância da Palavra de Deus na vida da Igreja.

Neste sentido, a Constituição dogmática *Dei Verbum* ressalta que Deus não transmite apenas ideias, mas busca uma aliança, tratando os seres humanos como amigos e revelando-se em Cristo.

Eis, pois, como se expressa o número 2 desse documento: “Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1 Tm 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e convive com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele”.

Podemos, a esse respeito, citar o seguinte texto do Evangelho de João: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai” (15,15).

Comentando essa passagem do quarto Evangelho, Santo Agostinho insiste sobre a perspectiva da graça, a única que nos pode tornar amigos de Deus no seu Filho (cf. *Comentário ao Evangelho de João*, homilia 86).



Nessa ótica, o Papa afirma que a primeira atitude a cultivar é a escuta, para que a Palavra divina possa penetrar as nossas mentes e corações; ao mesmo tempo somos chamados a falar com Deus não para lhe comunicar o que Ele já sabe, mas para nos revelarmos a nós mesmos



Isso significa que, diante da Palavra de Deus, a primeira atitude não é falar, mas ouvir. Deus toma a iniciativa de se comunicar com a humanidade, por isso, quando lemos a Bíblia, participamos da liturgia ou meditamos a Palavra devemos abrir a mente e o coração para acolher o que Deus quer nos dizer.

A expressão “para que a Palavra divina possa penetrar as nossas mentes e corações” recorda que a Palavra de Deus não é apenas uma informação a ser estudada, mas uma mensagem viva que transforma a pessoa. Como diz a Carta aos Hebreus, a Palavra de Deus é “viva e eficaz” (4,12).

“Somos chamados a falar com Deus” significa que depois de ouvir vem a resposta. A oração cristã é um diálogo: Deus fala e o ser humano responde. Não basta apenas escutar, é necessário entrar em conversa com Deus.

“Não para lhe comunicar o que Ele já sabe”, pois Deus conhece tudo. Ele conhece nossos pensamentos, necessidades, alegrias e sofrimentos antes mesmo que os expressemos, portanto, a oração não serve para informar Deus sobre algo que Ele desconhece.

“Mas para nos revelarmos a nós mesmos”: aqui está o ponto mais original e profundo da frase. Quando falamos com Deus, acabamos descobrindo quem realmente somos. Ao colocar diante de Deus nossos sentimentos, dúvidas, medos, pecados, esperanças e projetos passamos a enxergar nossa própria realidade com mais clareza. A oração torna-se um caminho de autoconhecimento.

Santo Agostinho expressava algo semelhante quando dizia que o encontro com Deus ajuda o ser humano a encontrar a verdade sobre si mesmo.

A reflexões deste artigo não têm a pretensão de apresentar toda a riqueza da Constituição dogmática *Dei Verbum*; trata-se apenas de um estímulo para analisá-lo, considerando também a facilidade de encontrá-lo integralmente na internet. Pode ser, inclusive, um primeiro passo para valorizar a riqueza espiritual dos documentos do Concílio Vaticano II. ●

***Prof. Lino Rampazzo** é doutor em Teologia e professor no curso de Teologia da Faculdade Canção Nova de Cachoeira Paulista (SP).



O CORAÇÃO DE
MARIA, CORAÇÃO
DA IGREJA

ESCUTA OBEDIENTE, COMUNHÃO COM CRISTO E SERVIÇO FECUNDO AO MUNDO

◆ Pe. Antonio Carlos Ferreira, cmf* ◆

A Igreja não pode ser compreendida apenas como uma instituição organizada ou como um conjunto de estruturas pastorais. Ela é, antes de tudo, um mistério de comunhão, um corpo vivo animado pelo Espírito Santo. Essa comunhão tem sua origem na Trindade e se manifesta historicamente na vida do povo de Deus.

Se Cristo é a cabeça desse corpo, Maria pode ser contemplada, por analogia teológica, como o coração da Igreja. São João Paulo II recorda que Maria “precede” a Igreja no caminho da fé e da santidade. Nela, a Igreja reconhece o modo mais pleno de responder à iniciativa divina.

Na Sagrada Escritura, o coração é o centro da pessoa, lugar da escuta, da decisão e do amor. Contemplar o coração de Maria é, portanto, contemplar a forma interior da vida cristã, aquilo que a Igreja é chamada a viver em todas as épocas.

O Concílio Vaticano II afirma explicitamente que Maria é imagem, modelo e mãe da Igreja. O que Deus realizou no coração de Maria revela o que deseja realizar no coração da Igreja e de cada fiel.

Na antropologia bíblica, o coração não se reduz ao campo dos sentimentos, mas designa o centro da pessoa, onde se unem inteligência, vontade, memória e abertura a Deus. É no coração que o ser humano escuta e decide, acolhe ou rejeita a Palavra divina, orientando toda a sua existência, por isso, a Escritura associa o drama do pecado ao endurecimento do coração, entendido como resistência interior à ação de Deus. O profeta Jeremias aprofunda essa visão ao afirmar que o coração humano, ferido pelo pecado, é ambíguo e necessita de redenção.

Ao longo da história da salvação, Deus revela-se como aquele que deseja transformar o coração do seu povo. A infidelidade de Israel não é apresentada apenas como desobediência externa à lei, mas como ruptura interior da aliança, por isso, os profetas anunciam uma salvação que atinge o núcleo da pessoa. Entre essas promessas, destaca-se a palavra de Ezequiel: “Eu vos darei um coração novo e em vós porei um espírito novo; tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne” (36,36). A imagem expressa a passagem de uma existência fechada e autossuficiente para uma vida sensível, dócil e aberta à escuta do amor de Deus.

Essa promessa encontra sua realização plena no mistério da encarnação. Em Maria, o coração humano torna-se totalmente disponível à ação do Espírito Santo. Seu “sim” não é apenas um gesto pontual, mas uma atitude permanente de fé, escuta e obediência interior. O Evangelho de Lucas destaca essa dimensão ao afirmar que Maria “guardava todas essas coisas, meditando-as em seu coração” (2,19), revelando um coração que acolhe a Palavra, discerne os acontecimentos e permanece fiel mesmo quando não compreende plenamente os desígnios de Deus.

A tradição da Igreja reconhece em Maria a arca da nova aliança: assim como a antiga arca continha as tábuas da lei, Maria acolhe em seu seio a própria Palavra viva de Deus, o Verbo feito carne. Nesse horizonte, o coração de Maria adquire profundo significado teológico e eclesial, pois manifesta aquilo que Deus deseja realizar em toda a humanidade redimida: um coração novo, plenamente aberto à graça. Como afirma Hans Urs von Balthasar, o princípio mariano na Igreja expressa essa atitude fundamental de acolhida e disponibilidade, na qual a Igreja se reconhece como esposa e serva da Palavra. Ao contemplar o coração de Maria, a Igreja reconhece sua própria vocação mais profunda: ser totalmente de Deus para a vida do mundo.

Maria não é apenas a mãe biológica de Jesus, mas a primeira crente da nova aliança. Antes de gerar Cristo em seu ventre, ela o acolheu pela fé em seu coração. Santo Agostinho expressa essa verdade de modo luminoso ao afirmar que Maria “concebeu primeiro no coração e depois no ventre”. Sua maternidade é, portanto, essencialmente

não há resistência à vontade divina. Seu “*fiat*” revela um coração unificado, dócil e totalmente disponível à ação do Espírito Santo, assim, Maria torna-se o lugar onde a antiga promessa se cumpre e onde a aliança nova e eterna encontra sua primeira realização concreta na história.

Esse dado é essencial para compreender Maria como modelo da Igreja. O Concílio Vaticano II afirma que aquilo que nela aconteceu de modo singular deve realizar-se na Igreja de modo espiritual e sacramental. Como Maria, a Igreja é chamada a escutar a Palavra, acolher Cristo e deixá-lo tomar forma em seu interior, para depois oferecê-lo ao mundo. A maternidade eclesial nasce da fé vivida, da comunhão com Cristo e da docilidade ao Espírito.

A Igreja existe, portanto, para acolher Cristo, gerá-lo na história e torná-lo presente à humanidade. Sempre que se afasta desse movimento interior de fé e entrega, corre o risco de perder sua identidade missionária. O Papa Francisco recorda que a evangelização autêntica nasce de uma Igreja que se deixa transformar pelo Evangelho que anuncia. À luz do coração de Maria, a Igreja redescobre sua vocação mais profunda: ser espaço vivo da nova aliança, onde Cristo continua a nascer para a vida do mundo.

O Evangelho de Lucas apresenta Maria como a mulher da escuta interior, aquela que acolhe os acontecimentos à luz da Palavra de Deus: “Maria conservava todas essas palavras, meditando-as no seu coração” (2,19). A atitude de guardar e meditar indica um coração atento, capaz de escutar para além da superfície dos fatos. Maria não reage impulsivamente, nem busca compreender tudo de imediato; ela acolhe, reflete e confia. Sua escuta não é passiva, mas profundamente ativa, pois envolve a totalidade da pessoa e orienta suas escolhas.

Na economia da fé cristã, a escuta precede a ação. Bento XVI recorda que “No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa”, encontro que se dá pela escuta da Palavra. Maria ensina à Igreja que não existe fecundidade pastoral sem uma escuta profunda e orante. Toda ação missionária que não brota da escuta corre o risco de se tornar ativismo estéril, desconectado da vontade de Deus.

O “*fiat*” de Maria – “Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” – revela o ápice dessa escuta obediente. Não se trata de resignação nem de submissão cega, mas de uma adesão livre, consciente e amorosa ao projeto divino. O *Catecismo da Igreja Católica* afirma que, ao pronunciar seu “sim”, Maria se entrega totalmente à pessoa e à obra do Filho, movida pela fé e pela confiança absoluta em Deus. Sua obediência nasce do amor e se traduz em disponibilidade permanente.

Essa espiritualidade da escuta possui uma clara dimensão eclesial. Uma Igreja inspirada no coração de Maria



Imagem: A Mãe de Deus Treinosa (séculos XVI-XVII). Museu Nacional da Sérvia. / commons.wikimedia.org

espiritual, nascida da escuta da Palavra e da adesão livre ao projeto de Deus. Nesse sentido, Maria inaugura a nova forma de pertença ao povo de Deus, fundada não na carne, mas na fé.

O coração de Maria é o primeiro espaço humano plenamente aberto à nova aliança. Diferentemente do coração endurecido frequentemente denunciado pelos profetas, nela

reconhece-se discípula antes de ser mestra, em constante atitude de discernimento e docilidade ao Espírito Santo. O Concílio de Jerusalém exprime essa dinâmica ao afirmar que “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós”, indicando que as decisões da Igreja brotam da escuta comunitária da Palavra e da ação do Espírito. Assim, a Igreja mariana é chamada a ouvir antes de falar, a discernir antes de agir e a deixar-se conduzir pelo Espírito, para que sua missão seja verdadeiramente fecunda e fiel ao Evangelho.

A comunhão de Maria com Cristo constitui o eixo central de toda a sua existência. Desde a anunciação até sua presença fiel junto à cruz e no seio da Igreja nascente, Maria vive uma união progressiva, profunda e obediente ao mistério do Filho. Essa comunhão é essencialmente teologal, pois envolve a escuta da Palavra, a adesão da fé e a conformação interior à vontade de Deus. O coração de Maria torna-se, assim, o espaço humano onde a comunhão com Cristo alcança sua expressão mais plena, fruto de uma fé vivida concretamente no cotidiano da história.

O episódio das bodas de Caná revela de modo exemplar essa espiritualidade mariana. Atenta à necessidade concreta – a falta de vinho –, Maria a apresenta a Jesus com confiança silenciosa e, ao mesmo tempo, dirige aos servos uma palavra que ultrapassa o contexto imediato: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Nessa atitude, manifesta-se sua missão na economia da salvação: Maria nunca ocupa o centro nem substitui o Filho, mas conduz sempre a Cristo, única fonte da vida nova.

Do ponto de vista teológico, Caná ilumina o papel mediador de Maria, compreendido como participação subordinada e totalmente orientada à mediação única de Cristo. Sua intervenção antecipa simbolicamente a “hora” de Jesus e indica que sua

presença materna acompanha e sustenta a missão do Filho. A comunhão entre Maria e Cristo torna-se, assim, modelo da relação entre a Igreja e seu Senhor, marcada pela confiança, pela obediência da fé e pela abertura à ação transformadora de Deus.

A tradição espiritual da Igreja reconheceu nesse dinamismo mariano um caminho seguro de discipulado. São Luís Maria Grignion de Montfort afirma que a verdadeira devoção a Maria é essencialmente cristocêntrica, pois “toda a perfeição consiste em sermos conformes, unidos e consagrados a Jesus Cristo”. Para a Igreja e para cada cristão, o coração mariano em comunhão com Cristo é escola de fé autêntica: quanto mais o coração se une a Maria, mais profundamente é conduzido a Cristo. Assim, a comunhão mariana revela-se não como desvio, mas como caminho privilegiado para viver o Evangelho em sua radicalidade, fidelidade e beleza.

São João Paulo II, na Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, apresenta Maria como “mulher eucarística”, pois toda a sua vida foi marcada por uma profunda união com o mistério do corpo entregue e do sangue derramado de Cristo. Embora não tenha participado sacramentalmente da última ceia, Maria viveu de modo existencial aquilo que a Eucaristia significa em sua essência: oferta, comunhão e entrega total. Seu “*fiat*”, pronunciado na anunciação, já contém em germe a lógica eucarística do dom de si, que alcançará sua plenitude no sacrifício da cruz.

A maternidade de Maria está intimamente ligada ao mistério eucarístico, pois foi em seu seio que o Verbo assumiu a carne destinada a ser entregue pela salvação do mundo. O corpo de Cristo, presente sacramentalmente na Eucaristia, é o mesmo corpo recebido de Maria, por isso, a comunhão eucarística remete, de modo indireto mas real, à fé, à disponibilidade e à obediência da Virgem. Maria ensina



à Igreja que a Eucaristia não é apenas um rito a ser celebrado, mas um mistério a ser acolhido com fé profunda, reverência e atitude interior de oferta.

Ao pé da cruz, Maria vive o ápice de sua espiritualidade eucarística. Ali, ela contempla o corpo entregue e o sangue derramado, antecipados sacramentalmente na última ceia. Sua presença silenciosa e fiel manifesta uma participação interior no sacrifício redentor do Filho. Nessa perspectiva, a Eucaristia aparece como memorial vivo da Páscoa de Cristo e Maria, como aquela que ensina a Igreja a unir inseparavelmente a celebração litúrgica à oferta concreta da própria vida.

A Igreja aprende com o coração de Maria a viver a Eucaristia como fonte de comunhão e missão. Assim como Maria permaneceu unida a Cristo e aos discípulos, especialmente no Cenáculo, a Eucaristia edifica a unidade do corpo de Cristo e gera vínculos de fraternidade entre os fiéis. Vivida à escola de Maria, a comunhão eucarística exige um coração reconciliado, aberto ao outro e disponível ao serviço. Desse modo, a verdadeira adoração prolonga-se na caridade concreta e no compromisso com os mais frágeis, pois quem se alimenta do pão da vida é enviado a tornar-se pão repartido para o mundo.

A profecia de Simeão, pronunciada no templo por ocasião da apresentação de Jesus, ilumina antecipadamente o itinerário espiritual de Maria: “E uma espada transpassará a tua alma” (Lc 2,35). Essa palavra revela que a vocação mariana não está dissociada do sofrimento, mas integrada ao mistério da redenção. Desde o início, Maria é associada ao destino do Filho e sua maternidade se desenvolve sob o sinal da fé provada e amadurecida na dor.

No Calvário, essa profecia atinge seu cumprimento pleno. O Evangelho de João afirma com sobriedade e profundidade: “Junto à cruz de Jesus

estava de pé sua mãe” (Jo 19,25). O verbo “estar de pé” possui forte densidade teológica. Ele expressa não apenas presença física, mas atitude interior de firmeza, fidelidade e esperança. Maria não foge do escândalo da cruz nem se entrega ao desespero; ela permanece, sustentada pela fé, mesmo quando todas as promessas parecem contraditas pela morte do Filho.

São João Paulo II interpreta esse momento como uma verdadeira kenosis da fé de Maria. Na Carta encíclica *Redemptoris Mater*, o Papa afirma que, aos pés da cruz, Maria vive uma participação singular no sacrifício redentor de Cristo, não acrescentando nada à eficácia da redenção, mas oferecendo seu consentimento materno ao desígnio salvífico de Deus. Trata-se de uma fé que não se apoia em sinais visíveis, mas se abandona totalmente à fidelidade de Deus.

O coração transpassado de Maria revela, assim, a profundidade de sua comunhão com Cristo. A dor não a fecha em si mesma, mas a abre ainda mais à missão. No momento extremo, Jesus confia a ela o discípulo amado e, nele, toda a humanidade. A maternidade de Maria assume então uma dimensão universal, nascida no sofrimento e selada pelo amor oblato.

A Igreja contempla no coração transpassado de Maria um espelho luminoso de sua própria vocação histórica e espiritual. Ao permanecer de pé junto à cruz do Filho, Maria manifesta uma fé que atravessa a provação sem se romper. Seu sofrimento não é fuga nem revolta, mas participação silenciosa no mistério redentor. Desse modo, ela ensina à Igreja que a dor, quando vivida em comunhão com Cristo, não constitui obstáculo à missão, mas pode tornar-se lugar privilegiado de fecundidade espiritual.

A fidelidade cristã, à luz do testemunho de Maria, não se mede apenas pelos momentos de entusiasmo ou de consolação espiritual, mas pela perseverança na noite da fé. Maria não

compreende plenamente o mistério da cruz, mas permanece, confiando na promessa de Deus. Essa atitude revela que a verdadeira obediência da fé subsiste mesmo quando desaparecem as seguranças humanas. O Concílio Vaticano II afirma que Maria avançou “na peregrinação da fé”, mantendo-se unida ao Filho até o extremo do sofrimento.

Ao mesmo tempo, o coração transpassado de Maria é guardião da esperança cristã. Sua dor não se fecha no desespero, mas permanece aberta à ação de Deus, que transforma a morte em vida. A esperança que habita o coração de Maria nasce da certeza pascal de que o amor é mais forte que a morte. Mesmo no silêncio do Sábado Santo, quando tudo parece perdido, Maria representa a Igreja que espera contra toda esperança, sustentada pela fidelidade de Deus às suas promessas.

O coração transpassado de Maria permanece como fonte de consolação e de luz para a Igreja peregrina. Nele, os fiéis encontram não apenas um modelo de resistência espiritual, mas a certeza de que Deus transforma a dor em caminho de vida nova. Aprendendo com Maria, a Igreja compreende que o sofrimento, vivido em comunhão com Cristo, pode tornar-se fecundo, que a fidelidade se prova na cruz e que a esperança cristã nasce da Páscoa e sustenta a missão mesmo nas horas mais obscuras da história.

Após o acontecimento decisivo da anunciação, o Evangelho de Lucas apresenta Maria imediatamente em movimento: “Naqueles dias, Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá” (Lc 1,39). A atitude da Virgem revela que o coração que acolhe Deus jamais se fecha em si mesmo. A experiência da graça gera dinamismo, prontidão e serviço. A pressa de Maria não é ansiedade, mas disponibilidade amorosa, indicando que a fé autêntica se traduz em gestos concretos de caridade e atenção ao outro.

Do ponto de vista teológico, a visitação ultrapassa o simples encontro familiar e assume um profundo significado salvífico. Maria, portadora do Verbo encarnado, torna-se a arca da nova aliança, levando Cristo ao encontro de Isabel e de João Batista ainda no seio materno. Onde Maria chega, o Espírito Santo age: João estremece de alegria e Isabel proclama a bem-aventurança daquela que acreditou na promessa do Senhor. A alegria que brota desse encontro é sinal da presença do Reino, que se manifesta na comunhão, na vida que desperta e na fé compartilhada.

A tradição da Igreja reconhece na visitação um ícone da Igreja missionária. Maria não guarda para si o dom recebido, mas coloca-se a caminho, superando distâncias e dificuldades. Nesse sentido, ela antecipa aquilo que o Papa Francisco descreve como “Igreja em saída”, uma Igreja que abandona a autorreferencialidade e vai ao encontro do outro com ternura e proximidade. O serviço prestado por Maria a Isabel expressa uma fé que se faz cuidado concreto, solidariedade e presença

discreta, especialmente junto aos que mais necessitam. O coração que serve encontra sua expressão mais elevada no cântico do *Magnificat*. Longe de ser um hino intimista, trata-se de uma proclamação profética que revela a consciência de Maria sobre a ação de Deus na história. Reconhecendo que tudo é dom – “O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas” –, Maria proclama a lógica do Reino, onde os humildes são exaltados e os famintos saciados. O serviço mariano nasce, assim, da gratidão e da humildade, virtudes que preservam a missão do risco do protagonismo e ensinam à Igreja que servir é, antes de tudo, deixar Deus agir.

A experiência de Maria, desde a anunciação até sua presença silenciosa nas origens da Igreja, revela um coração profundamente missionário. Seu serviço ultrapassa fronteiras pessoais, sociais e culturais, tornando-se anúncio profético da justiça de Deus na história. No *Magnificat*, Maria proclama um Deus que “derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes, enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias”.

Essa proclamação mostra que a missão cristã não é neutra, mas compromete-se com a transformação da realidade à luz do Reino.

Maria, ao colocar-se a caminho, antecipa a dinâmica missionária da Igreja. Ela não leva a si mesma, mas Cristo, presença viva que gera vida, esperança e alegria. Sua atitude ilumina o chamado da Igreja a sair de seus próprios limites e ir ao encontro das fronteiras da existência humana, compreendidas como os espaços onde a dignidade da pessoa é ferida: pobreza, solidão, sofrimento, violência, exclusão social e vazio espiritual. O Papa Francisco recorda que a Igreja é chamada a assumir o risco da missão, evitando a autorreferencialidade e abrindo-se ao encontro com o outro.

O coração missionário inspirado em Maria caracteriza-se pela humildade, pela escuta e pela proximidade. Ela ensina que evangelizar não é, antes de tudo, conquistar espaços, mas aproximar-se das pessoas, criar vínculos e permitir que o Espírito Santo atue. Sua presença junto aos pequenos e humildes revela uma missão marcada pela ternura, sem perder a firmeza da verdade, pois o amor autêntico não ignora as causas do sofrimento humano nem se omite diante das injustiças.

A espiritualidade mariana contribui para a formação de discípulos missionários capazes de unir paixão e compromisso. O coração de Maria educa para uma fé encarnada, expressa em ações concretas em favor dos mais vulneráveis, em consonância com a tradição bíblica e o ensinamento social da Igreja. Anunciar o Evangelho nas fronteiras da existência humana implica testemunhar a esperança do Reino e colaborar para a promoção da dignidade, da justiça e da vida plena. Maria permanece como modelo e guia da missão da Igreja no mundo contemporâneo, convidando cada cristão a atravessar fronteiras, vencer o medo e levar Cristo a todos



Imagem: A Virgem com o Menino e Santa Catarina de Alexandria, São Juliano, Santa Maria Madalena e Santo Antônio / commons.wikimedia.org

os contextos da vida humana, confiando que Deus realiza maravilhas por meio daqueles que se colocam generosamente a serviço do seu Reino.

Após a ressurreição e a ascensão do Senhor, o livro dos Atos dos Apóstolos apresenta Maria reunida com os discípulos no Cenáculo: “Todos perseveravam unanimemente na oração, com algumas mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus” (At 1,14). A presença de Maria nesse momento fundacional da Igreja não é apenas histórica, mas profundamente simbólica. Ela representa o coração orante da comunidade nascente, aquela que sustenta a unidade, alimenta a esperança e prepara, pela intercessão silenciosa, o dom do Espírito Santo.

No Cenáculo, Maria assume uma função maternal e eclesial. Assim como esteve presente no início da vida terrena de Jesus, agora acompanha o nascimento da Igreja. Sua atitude não é de protagonismo, mas de comunhão: Maria não fala, mas ora; não dirige, mas sustenta; não se impõe, mas reúne. A tradição cristã reconhece nesse gesto a dimensão mais profunda da maternidade espiritual de Maria. Ao proclamar Maria como Mãe da Igreja, o Papa Paulo VI afirmou que ela continua a exercer sua missão materna na vida da comunidade cristã, acompanhando-a com solicitude e intercessão.

A oração perseverante do Cenáculo revela que a missão nasce do silêncio fecundo diante de Deus. O Pentecostes não é fruto de estratégias humanas, mas dom do alto. O Espírito Santo desce sobre uma comunidade reunida, unida e orante, transformando o medo em coragem e a dispersão em comunhão. Maria, que já conhecia a ação do Espírito desde a anunciação, ensina à Igreja a esperar, discernir e acolher o tempo de Deus.

Esse coração orante de Maria permanece atual e necessário. Em um mundo marcado pela pressa, pela fragmentação e pelo individualismo,

o estilo mariano oferece à Igreja um caminho evangélico concreto: escuta em vez de ruído, misericórdia em vez de julgamento, serviço em vez de poder. Trata-se de um modo de viver a fé que privilegia a interioridade, a comunhão e a disponibilidade ao Espírito Santo, por isso, Paulo VI chamou Maria de “Estrela da Evangelização”, reconhecendo nela o modelo daquela que precede e acompanha a missão da Igreja no mundo.

Viver segundo o coração de Maria significa integrar oração e ação, contemplação e compromisso. A fé mariana não é intimista nem evasiva, mas profundamente encarnada. Maria ensina que a verdadeira fecundidade apostólica nasce da união com Deus e se manifesta no serviço humilde aos irmãos. Onde há um coração dividido, a missão enfraquece; onde há um coração unificado em Deus, a vida floresce.

Contemplar o coração de Maria é redescobrir a identidade mais profunda da Igreja. Escuta, comunhão e serviço não são dimensões isoladas, mas formam uma unidade inseparável. A Igreja só será plenamente fiel a Cristo quando aprender a bater no mesmo ritmo do coração da Virgem: um ritmo de amor total a Deus e de entrega generosa à humanidade. Tornar-se o que se contempla é o caminho espiritual que transforma a devoção mariana em força missionária e em fonte permanente de renovação eclesial. ●

***Padre Antonio Carlos Ferreira, cmf**

é Missionário Filho do Imaculado Coração de Maria, claretiano. Mestre em Antropologia Teológica, Teologia Espiritual e Bíblia. Possui pós-graduação em Psicopedagogia e Parapsicologia e doutorado em Psicanálise. Foi professor de Teologia Espiritual no *Studium Theologicum*, em Curitiba (PR). Atua como professor-tutor de Bíblia nas Faculdades Claretianas, em Batatais (SP). Entre 2024 e 2026 é professor de Teologia Espiritual e Bíblia na Faculdade Católica da Arquidiocese de Pouso Alegre (Facapa), em Pouso Alegre (MG).



Imagem: A Virgem Maria com o Menino Jesus a Dormir, pintura na sala de sessões da Casa do Bispo da Venerável Ordem Terceira, no Porto / commons.wikimedia.org

A SANTA CASA DE LORETO

◆ Pe. Reinaldo Bento* ◆



Imagem: Salko / Wikipedia

Certa vez, quando São Francisco de Assis passava perto de onde hoje é a cidade de Loreto, na Itália, ele se ajoelhou e profetizou que ali estaria a Igreja que seria o lugar mais santo da Terra, como se fosse a Terra Santa.

O mistério dessas palavras seria desvendado tempos mais tarde quando um prodígio confirmaria parte da previsão. Em 1291, durante o período das Cruzadas, quando as tropas muçulmanas queriam destruir o que seria o testemunho do maior mistério cristão, as três paredes da casa da Sagrada Família em Nazaré desapareceram. O fato foi constatado na época pois São Luis, rei da França, foi pessoalmente conferir com os cristãos de Nazaré, que afirmaram que as paredes haviam desaparecido. Essas paredes testemunharam o maior acontecimento cristão: a encarnação do Verbo de Deus. Para a teologia não há dúvida, a encarnação possibilita mesmo a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. Esse mistério é superior ao Natal). Ainda hoje, mostra-se nas paredes a pequena janela por onde a tradição diz que num raio de luz entrou o Arcanjo São Gabriel.

A santa casa foi transportada para a Dalmácia por três anos e meio, onde alguns fazem o paralelo com o apocalipse, em que a mulher fugiu para o deserto com asas de águia (cf. Ap 13).

Na noite do dia 9 para o dia 10 de dezembro de 1294, a casa novamente foi deslocada de forma inexplicável para os bosques de loureiros (daí o nome Loreto), na Itália, onde repousou em meio de

um caminho muito utilizado na região e durante anos sem alicerce permaneceu exposto ao violentos ventos vindos do mar. Os fiéis então se lembraram de uma profecia de São Francisco de Assis: “Loreto será o local mais sagrado do mundo”.

O aparecimento da casa levou o padre local com os fiéis a fazerem orações para desvendar o mistério. A Virgem apareceu ao padre revelando que era a casa de Nazaré. Quando recentemente o Papa Francisco declarou um ano lauretano (2020) em comemoração do centenário da proclamação de Nossa Senhora do Loreto como Padroeira da Aviação e depois de toda pesquisa espacial, propagaram-se estudos que favorecem a história do transporte pelos santos anjos.



A Casa de Loreto é a parte construída junto à gruta que serviu de casa à Sagrada Família e onde hoje está a Basílica da Anunciação em Nazaré



Para Loreto foram transportadas as três paredes e o altar dito de São Pedro, pois ele a consagrara como Igreja logo depois de Pentecostes, sendo por essa piedosa tradição a primeira igreja. Nela se conservam alguns pertences da Sa-

grada Família. Apenas antigamente uma tábua informava que o que serviu de mesa à Sagrada Família tinha sido utilizado por São Lucas para pintar a Virgem e essa estaria na Polônia onde se venera como Nossa Senhora de Czestochowa.

É um edifício de um só piso, de pedra, com 8,5 por 3,8 metros e 4,1 metros de altura, tem uma porta no lado norte e uma janela no lado ocidental e um nicho que contém uma pequena imagem negra da Virgem com o Menino, em cedro-do-líbano, ricamente adornada com joias.

Em outubro de 2019, o Papa Francisco acrescentou a Festa de Nossa Senhora de Loreto, comemorada em 10 de dezembro, ao calendário romano universal.

A atual basílica foi construída para abrigar no seu interior a santa casa onde permanece como uma “ Igreja dentro de outra Igreja”. Ela ainda testemunha não apenas a encarnação, mas a vida de uma família que abrigou em seu seio o Messias e conviveram por volta de trinta anos. Essa vida ainda inspira famílias e mesmo fundações religiosas em que se afirma que todos podemos viver como a Sagrada Família.

Nesse lugar ressoou pela primeira vez a Ave-Maria. Quem sabe o leitor entenda que para construir uma Nova Nazaré deva se iniciar com a simples Ave-Maria, a mais antiga oração dirigida a Virgem escrita em grafite datado do primeiro século: “Ave Maria...” ●

***Padre Reinaldo Bento** é sacerdote incardinado na Diocese de Osasco (SP).

NARJA LOURENÇO

Minimalismo cristão

OS 7 PRINCÍPIOS DE
UMA CASA ORGANIZADA

AM
EDITORA
AVE-MARIA

MINIMALISMO CRISTÃO

◆ Narja Lourenço* ◆

Olhe ao seu redor por um instante. Como está a sua casa hoje? Portas de armários que não fecham, gavetas cheias de objetos esquecidos e uma sensação constante de que quanto mais coisas você acumula, mais tempo e energia gasta para mantê-las em ordem. Agora, olhe para dentro de si: a sua mente e o seu coração compartilham desse mesmo cansaço e agitação?

Em um mundo que insiste em medir o nosso valor pela quantidade de posses, a influenciadora digital minimalista Narja Lourenço faz um convite contracultural e libertador em seu novo livro, *Minimalismo cristão*. Unindo sua experiência prática como personal organizer à profundidade da fé, ela nos mostra que a verdadeira ordem não é apenas rearranjar excessos estéticos, mas reordenar a alma para o que realmente importa.

Diferente do minimalismo secular que foca apenas o bem-estar individual, o minimalismo cristão vai além. Ele nos apresenta Jesus Cristo como o nosso grande mestre minimalista, aquele que nunca acumulou tralhas, nunca reteve o supérfluo e sempre viveu focado no essencial.

Ao longo de uma leitura leve, prática e profundamente inspiradora, você vai descobrir como o desapego material se transforma em um ato de caridade e confiança na providência divina. Mais do que teorias, Narja entrega ferramentas exclusivas

criadas por ela e validadas por suas alunas, como o “método dos três Es” (excluir, entregar, essencial) e a inovadora “roda da casa”, um mapa visual que vai guiar você de forma simples sobre por qual cômodo começar a “destralhar”.

Aprenda a blindar o seu lar contra o consumismo compulsivo por meio de perguntas conscientes e descubra o poder transformador de virtudes como a ordem, a temperança, a gratidão e o silêncio protetor. Deus não deseja armários vazios. Ele deseja corações livres.

Permita-se viver uma jornada de harmonia na sua rotina, leveza no seu ambiente e intimidade com o Criador. Chegou a hora de deixar ir o que pesa para abrir espaço ao Infinito.

Abra as portas para o essencial. Adquira já o seu exemplar do livro *Minimalismo cristão* e descubra que menos é agora. ●

***Narja Lourenço** encontrou na união entre a fé cristã e a organização de lares a sua verdadeira vocação. Casada com Wilker e mãe de Valentina, iniciou sua jornada há mais de dez anos, quando decidiu dedicar-se integralmente à família. Formada como *personal organizer*, descobriu que a verdadeira ordem vai muito além dos espaços físicos: consiste em abrir lugar para aquilo que é eterno. Escritora, teóloga, catequista e ministra da Eucaristia, Narja é criadora da marca Menos é Agora e dedica-se a ensinar que o minimalismo cristão é, acima de tudo, um caminho de volta ao essencial: Jesus Cristo, o mestre minimalista.

PERMANECER HUMANO EM TEMPOS DE ALGORITMOS

NA CARTA ENCÍCLICA
MAGNIFICA HUMANITAS,
PAPA LEÃO XIV ATUALIZA
A DOUTRINA SOCIAL
DA IGREJA DIANTE DOS
DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL E RECORDA QUE
A TECNOLOGIA SÓ ENCONTRA
SEU VERDADEIRO SENTIDO
QUANDO ESTÁ A SERVIÇO
DA DIGNIDADE HUMANA,
DA FRATERNIDADE
E DO BEM COMUM

◆ Renata Moraes ◆



Em um tempo marcado pelo avanço acelerado da inteligência artificial, pela automação do trabalho e pela crescente digitalização das relações humanas, o Papa Leão XIV apresenta ao mundo a Carta encíclica *Magnifica Humanitas*. O documento convida a sociedade a refletir sobre uma questão fundamental: como preservar a dignidade da pessoa humana em uma era em que as máquinas parecem ocupar espaços cada vez mais centrais na vida cotidiana?

Promulgada em 15 de maio de 2026, a encíclica é a primeira do pontificado de Leão XIV e já nasce com forte significado histórico. A data de sua assinatura não foi escolhida por acaso: ocorreu exatamente 135 anos após a publicação da Carta encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, documento que inaugurou a doutrina social da Igreja e marcou a resposta católica aos desafios provocados pela Revolução Industrial.

Se no fim do século XIX a preocupação da Igreja recaía sobre as consequências da mecanização e da exploração dos trabalhadores, hoje o foco se volta para os impactos éticos, sociais e antropológicos da revolução digital. Para Leão XIV, a inteligência artificial representa a grande “coisa nova” (*res novae*) do século XXI, capaz de influenciar profundamente a maneira como as pessoas trabalham, se relacionam, aprendem e até compreendem a própria identidade.

Mais do que um texto sobre tecnologia, a Carta encíclica *Magnifica Humanitas* é uma reflexão sobre o ser humano. O Papa alerta que o progresso técnico não pode ser confundido com progresso humano e recorda que nenhuma inovação será verdadeiramente benéfica se não estiver a serviço da vida, da fraternidade e do bem comum.

ENTRE BABEL E JERUSALÉM

Uma das imagens centrais da encíclica é o contraste entre a torre de Babel e a reconstrução de Jerusalém. Para o Papa Leão, Babel simboliza a tentação da humanidade de buscar poder ilimitado por meio da técnica, esquecendo-se de seus limites e de sua dependência de Deus. Jerusalém, por outro lado, representa a cidade construída coletivamente, fundada na solidariedade, no diálogo e na busca do bem comum.

A partir dessa metáfora bíblica, Leão XIV propõe uma reflexão profunda sobre os rumos da inteligência artificial. O documento alerta que os algoritmos não são neutros: eles carregam as intenções, valores e interesses daqueles que os desenvolvem, razão pela qual precisam ser submetidos a critérios éticos, transparência e mecanismos de regulação.

Outro aspecto fortemente criticado pelo Pontífice é o transumanismo, corrente que defende o uso da tecnologia para superar os limites biológicos humanos. Para o Papa, a fragilidade, a vulnerabilidade e os limites fazem parte da condição humana e possuem valor espiritual. São justamente essas características que tornam possível a experiência da compaixão, da misericórdia e da abertura à transcendência.

Ao mesmo tempo, a encíclica lança um apelo profético para que a inteligência artificial seja “desarmada”, deixando de servir exclusivamente a interesses econômicos, militares ou de dominação política.



Cônego Antônio Manzatto.

A DIGNIDADE HUMANA NO CENTRO

Para o teólogo e sacerdote Cônego Antônio Manzatto, a escolha da dignidade humana como eixo central da encíclica responde a uma preocupação permanente do cristianismo.

“A dignidade da pessoa humana sempre foi a grande preocupação dos discípulos de Jesus Cristo. Ele veio para salvar toda a humanidade. Todas as pessoas foram criadas por Deus à sua imagem e semelhança”, afirma.

Segundo o religioso, a urgência do tema se torna ainda mais evidente diante das inúmeras situações de exclusão presentes no mundo contemporâneo, como a realidade dos migrantes, da população em situação de rua, dos trabalhadores submetidos a condições degradantes e das vítimas das guerras. Nesse contexto, a tecnologia não pode ser vista como um fim em si mesma.

“O Papa lembra que a tecnologia não é um bem em si, mas está a serviço do ser humano. A tecnologia não é mais importante que as pessoas”, destaca o religioso.



Imagem: Arquivo Pessoal

Carlos Alberto Marques Rabelo.

Essa perspectiva aparece ao longo de toda a encíclica e se conecta diretamente aos quatro pilares da doutrina social da Igreja: dignidade da pessoa humana, bem comum, solidariedade e subsidiariedade.

OPORTUNIDADES E RISCOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Embora apresente diversas advertências, a Carta encíclica *Magnifica Humanitas* não adota uma postura de rejeição à tecnologia; pelo contrário, reconhece os benefícios que a inteligência artificial pode oferecer quando orientada para a promoção da vida humana.

O cientista da computação Carlos Alberto Marques Rabelo destaca que há aplicações extremamente positivas da inteligência artificial, especialmente na área da saúde: “Ferramentas de inteligência artificial podem tornar mais rápidos os processos diagnósticos e o desenvolvimento de novos medicamentos, além de auxiliar na compreensão do próprio funcionamento do corpo humano”.

Ele cita como exemplo o AlphaFold, sistema de inteligência artificial que revolucionou a pesquisa científica ao prever estruturas de proteínas e cujos desenvolvedores receberam o Prêmio Nobel de Química de 2024.

Ao mesmo tempo, o pesquisador alerta para desafios éticos cada vez mais urgentes: “Um dos maiores desafios é a salvaguarda da verdade. A desinformação já existia antes, mas hoje encontra na inteligência artificial um poderoso multiplicador”.

A preocupação ganha relevância especial em contextos eleitorais, diante da proliferação de conteúdos manipulados e de deepfakes capazes de atribuir a pessoas falas ou ações que nunca ocorreram. Segundo Rabelo, a disseminação dessas práticas compromete a confiança social e enfraquece os próprios fundamentos da democracia.

ATUALIZAÇÃO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

Um dos aspectos mais significativos da encíclica é sua inserção na tradição da doutrina social da Igreja. Leão XIV não apresenta uma ruptura, mas

uma atualização dos princípios já consolidados pelo magistério diante das novas circunstâncias históricas.

Para Carlos Marques, a escolha do nome Leão XIV já sinalizava essa intenção desde o início do pontificado: “Quando Leão XIV foi eleito, imediatamente entendi que a escolha desse nome remetia a Leão XIII e sinalizava uma atenção às ‘coisas novas’ do nosso tempo, assim como Leão XIII se atentou às ‘coisas novas’ do fim do século XIX”, observa ele.

Na prática, a encíclica reaplica ao ambiente digital princípios permanentes da doutrina social. O bem comum passa a questionar a concentração de dados e poder nas mãos de poucas empresas. A destinação universal dos bens lembra que todos devem ter acesso às novas tecnologias. A justiça denuncia as desigualdades presentes na produção e no controle dos sistemas digitais. A solidariedade exige atenção às formas de exploração escondidas nas cadeias produtivas que sustentam o desenvolvimento tecnológico.

Para o Cônego Manzatto, a contribuição específica da Igreja para esse debate não está no campo técnico, mas no discernimento ético: “A função da Igreja não é técnica. Sua missão é anunciar o Reino de Deus, por isso o Papa afirma que a inteligência artificial pode ser um bem se contribuir para o desenvolvimento integral dos seres humanos, na paz e na fraternidade, mas não deve ser instrumento de dominação”, ressalta.

PERMANECER HUMANO

Por fim, a Carta encíclica *Magnifica Humanitas* apresenta um convite que ultrapassa especialistas em tecnologia, governos e empresas. Trata-se de um chamado dirigido a toda a humanidade.

Em um mundo cada vez mais orientado pela produtividade, pela eficiência e pelos algoritmos, o Papa recorda que o verdadeiro valor da existência não está no desempenho, mas na capacidade de construir relações humanas autênticas. “Precisamos de um mundo de paz e fraternidade, não de um mundo dominado por algoritmos controlados por pessoas ou empresas que visam apenas o poder e a riqueza de alguns”, afirma Cônego Manzatto.

A encíclica convida os cristãos a conhecerem mais profundamente a doutrina social da Igreja e a assumirem seu compromisso com a construção de uma sociedade mais justa. Ao mesmo tempo, interpela todos os homens e mulheres de boa vontade a participarem desse debate que definirá os rumos do futuro.

Diante das promessas e dos riscos da inteligência artificial, Leão XIV recorda que nenhuma tecnologia é capaz de substituir aquilo que constitui a essência da humanidade: a capacidade de amar, de cuidar, de estabelecer vínculos e de reconhecer no outro a imagem de Deus. É nessa convicção que a Carta encíclica *Magnifica Humanitas* se apresenta como um dos documentos mais importantes do magistério recente, oferecendo à sociedade um critério seguro para discernir os caminhos da inovação sem perder de vista aquilo que realmente importa: permanecer humano.●

LEIA A ENCÍCLICA NA ÍNTEGRA



A Carta encíclica *Magnifica Humanitas* está disponível gratuitamente no portal oficial do Vaticano. O documento pode ser acessado em português pelo endereço vatican.va/content/leo-xiv/pt/encyclicals/documents/20260515-magnifica-humanitas.html.

A leitura integral permite compreender em profundidade as reflexões do Papa Leão XIV sobre a inteligência artificial, a dignidade humana e os desafios éticos da sociedade contemporânea.

COORDENAR E SERVIR:

A MISSÃO DE TODA A PASCOM

◆ Fabiano Fachini* ◆

A comunicação da Igreja acontece em equipe e é sustentada por uma espiritualidade de comunhão. Por isso, uma PASCOM “forte” não depende apenas de um bom coordenador, mas também de agentes comprometidos com a missão. Cada membro desempenha um papel essencial para que a evangelização aconteça em unidade.

SER COORDENADOR É...

- Cultivar uma profunda vida de espiritualidade e oração.
- Inspirar pelo testemunho.
- Servir, e não apenas dirigir.
- Promover a comunhão entre os agentes.
- Planejar as ações da pastoral.
- Formar e incentivar novos líderes.
- Delegar responsabilidades acompanhar as equipes.

O coordenador é o primeiro a servir. Sua missão é conduzir a equipe a Cristo e, nesse caminho, fortalecer a espiritualidade, promover a unidade e ajudar cada agente a reconhecer e colocar seus dons a serviço da comunicação que evangeliza.

SER AGENTE DA PASCOM É...

- Alimentar diariamente a própria espiritualidade.
- Assumir a missão com responsabilidade.
- Participar ativamente da vida da pastoral e da Igreja.
- Buscar formação permanente.
- Trabalhar em equipe.
- Colaborar com iniciativas e soluções.
- Colocar seus talentos a serviço da comunicação que evangeliza.

O agente pastoral não é apenas um executor de tarefas, mas um discípulo missionário que comunica Jesus com a própria vida, por meio do testemunho e do serviço. Colabora com o coordenador e fortalece a missão da Igreja local onde atua.

CAMINHAMOS JUNTOS

Na PASCOM não existem protagonistas. Coordenadores e agentes caminham lado a lado, unidos pela mesma espiritualidade, missão e desejo de comunicar Cristo. Todos são discípulos missionários chamados ao serviço, pois escutam a palavra do Senhor: “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45).●

***Fabiano Fachini**, formado em Comunicação Social Jornalismo e MBA em Marketing, realiza palestras e workshops pelo Brasil sobre comunicação e redes sociais na Igreja. Em seu Instagram, reúne comunicadores interessados em conteúdo e estratégia para a gestão de mídias digitais.



O ROSTO DE JESUS NO EVANGELISTA LUCAS

◆ Prof. Lino Rampazzo* ◆

Lucas não conheceu diretamente a Jesus, mas teve contato com os apóstolos, particularmente com Paulo. Escreveu seu Evangelho com a intenção de dirigir-se particularmente aos pagãos, mostrando a eles que Jesus é o Salvador de todos.

O tema da salvação é fundamental nesse Evangelho. A salvação, para Lucas, realiza-se com a vinda de Jesus de Nazaré. Ele veio para concluir o “tempo de Israel” e começar o “tempo da Igreja”. Nesse sentido, não podemos esquecer que Lucas, além do Evangelho, escreveu o Livro dos Atos dos Apóstolos, que apresenta a experiência da Igreja primitiva, testemunhando Jesus “em Jerusalém, em toda a Judeia, na Samaria e até os confins da Terra” (At 1,8). Eis porque o

biblista Carlo Maria Martini fala de Lucas como sendo o evangelista missionário.

Jesus é a salvação de Deus, sobretudo porque Ele perdoa. O tema do “perdão” em Lucas é particularmente desenvolvido. Como não lembrar, a esse respeito, o perdão da pecadora (cf. 7,36-50), as parábolas do filho pródigo (cf. 15,11-32) e o perdão ao “bom ladrão” (cf. 23,39-43)?

A salvação de Deus, em Jesus, gera muita alegria. O Evangelho de Lucas, do começo ao fim, é testemunha da alegria dos que acreditam em Jesus: João Batista “saltou de alegria no seio de Isabel”(1,44), Maria “alegra-se intensamente em Deus Salvador”(1,47); o anúncio do nascimento de Jesus é de “grande alegria para todo o povo”(2,10); os 72 discípulos voltaram “alegres” depois de sua missão (cf. 10,17); Zaqueu recebeu em sua casa Jesus “com muita alegria” (19,6); a mul-

tidão de discípulos recebeu Jesus, no Domingo de Ramos, “cheia de alegria” (19,37); e os discípulos voltaram a Jerusalém, depois da ascensão de Jesus, “cheios de alegria” (24,52).

A salvação de Jesus é universal, mas Lucas mostra uma predileção de Jesus para com os pobres, os desprezados, os marginalizados em geral (cf. 6,20-23): pense-se, por exemplo, como ele valoriza os samaritanos (cf. 10,25-37; 17,18), que, na época, eram desprezados como estrangeiros e pagãos.

Antes de concluir, é bom lembrar outros temas desenvolvidos

por Lucas: a importância do Espírito Santo que age na vida de Jesus e dos cristãos (cf. 1,15.35.41.67; 2,25; 3,22; 4,1; 10,21; 12,10; 24,49), a importância dada às mulheres (cf. 1,26-45; 2,36-38; 7,11-17; 8,1-3; 10,38-42; 23,27-31.55-56; 24,1-10), a oração de Jesus e dos discípulos (cf. 3,21; 6,12; 10,21-23; 11,1-4; 18,1-8), o templo e a cidade de Jerusalém. De fato, Lucas começa e termina seu Evangelho no templo de Jerusalém e orienta tudo para essa cidade (cf. 9,53; 13,22.33; 18,31).

Mais dois temas: o hoje e a pressa. O termo “hoje” (“sêmeron”, em grego) é central e aparece várias vezes para indicar que a salvação não é um evento distante no futuro, mas uma realidade presente e atuante por meio da pessoa e da obra de Jesus (cf. 2,11; 4,21; 5,26; 13,32.33; 19,5.9; 23,43).

A “pressa” no Evangelho de Lucas não é tratada como ansiedade negativa, mas como um tema teológico fundamental que aponta

para a urgência da missão, a rapidez da graça de Deus e a prontidão na resposta ao chamado (cf. 1,39; 2,16; 14,21 15,22; 19,5-6; 24,33).

Em grandes linhas, o plano de Lucas é o mesmo de Marcos, baseado em critérios de ordem geográfica. Conforme os lugares evangelizados por Jesus, o Evangelho começa na Galileia (cf.

4,14-9.50) e termina em Jerusalém (19,28-24.53), para onde Jesus se encaminha numa longa jornada (cf. 9,51-19,27).

Estas breves considerações nos podem ajudar a entender a grande riqueza do Evangelho de Lucas. ●

***Prof. Lino Rampazzo** é doutor em Teologia e professor no curso de Teologia da Faculdade Canção Nova de Cachoeira Paulista (SP).

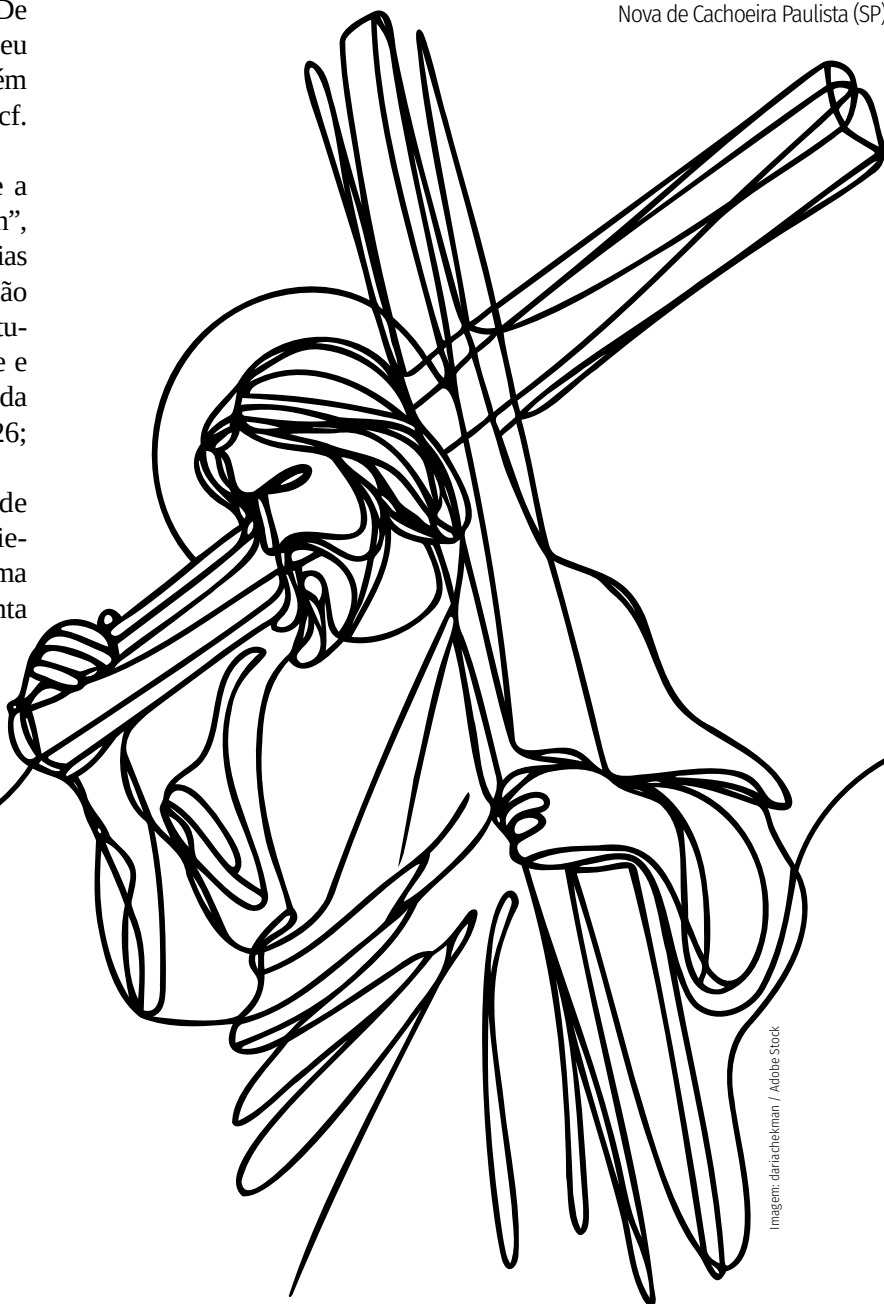


Imagem: darachekman / Adobe Stock

QUANDO A MENTIRA VESTE ROUPA DE VERDADE

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

“CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ.” (JÓ 8,32)

“NÃO TEMAIS OS QUE TUDO DETURPAM PRA NÃO VER A JUSTIÇA VENCER. TENDE MEDO SOMENTE DO MEDO DE QUEM MENTE PRA SOBREVIVER.” (PADRE ZEZINHO)



Imagem: Freepik

Basta um toque na tela dos nossos celulares para vermos aquela avalanche de notificações. Uma mensagem chega, acompanhada de uma frase alarmante, de um vídeo cortado, de um *print* sem contexto, de uma acusação lançada como pedra com a intenção de ferir e de levar outros a também ferirem. Antes mesmo de perguntar se aquilo é verdade, o coração já se agita. A indignação vem depressa; a vontade de repassar, também, afinal, a mensagem parece fazer sentido, confirma aquilo que já pensávamos, reforça aquilo que tínhamos, alimenta aquilo que gostaríamos que fosse verdade.

Assim, quase sem perceber, nossas mãos se tornam mensageiras de algo que talvez nunca tenha acontecido. Uma palavra que não foi dita. Uma imagem que foi manipulada. Uma vida que passa a ser julgada a partir de fragmentos.

Há uma antiga fábula que ajuda a compreender essa realidade. Conta-se que, certo dia, a Verdade e a Mentira se encontraram. A Mentira, muito esperta, convidou a Verdade para se banharem juntas em um poço. A Verdade, simples e confiante, aceitou. Ao entrar na água, deixou suas vestes à beira do poço. A Mentira, então, saiu primeiro, vestiu as roupas da Verdade e foi embora pelo mundo. Quando a Verdade percebeu o engano, recusou-se a vestir as roupas da Mentira. Desde então, diz a fábula, a Mentira anda pelo mundo vestida com as roupas da Verdade, enquanto a Verdade, nua e exposta, muitas vezes é rejeitada pelos que não suportam vê-la sem adornos.

A imagem é forte, talvez porque fale muito do nosso tempo. A mentira raramente se apresenta como mentira; se viesse com seu rosto verdadeiro, talvez a rejeitássemos com mais facilidade. Ela se veste bem. Usa palavras bonitas. Aparece como zelo pela moral, defesa da fé, cuidado com a família, compromisso com a justiça, preocupação com a Igreja, amor à verdade. Algumas vezes, chega até com versículo bíblico, música religiosa e discurso piedoso. Mas uma mentira dita em nome de Deus continua sendo mentira e nenhuma mentira, por mais bem vestida que esteja, pode gerar vida e ocupar o lugar da verdade.

É precisamente aqui que o Evangelho nos chama à conversão. Jesus afirma: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Essa frase, tantas vezes repetida, não pode ser reduzida a um jargão religioso ou a uma arma para vencer debates. A verdade de Cristo não é instrumento de humilhação. Não é licença para destruir reputações. Não é pedra nas mãos dos moralistas. A verdade de Jesus liberta porque vem unida ao amor, à justiça, à misericórdia e ao cuidado.

A história do povo de Deus está marcada por pessoas feridas pela mentira. José foi vendido pelos próprios irmãos e dado como morto ao pai, que chorou uma perda construída sobre uma falsidade. Suzana, mulher justa, foi acusada por homens perversos que tentaram usar a mentira para encobrir sua própria maldade. A mulher levada até Jesus sob acusação de adultério foi colocada no centro da praça como se sua vida pudesse ser reduzida ao erro, à suspeita ou ao desejo de condenação dos outros. O próprio Jesus, homem da verdade, foi caluniado, distorcido, acusado e condenado por aqueles que não suportavam a liberdade do seu amor.

Nada disso ficou preso ao passado. Hoje, as praças têm outros formatos; algumas cabem na palma da mão. Nelas, pessoas são julgadas sem defesa, condenadas, expostas sem misericórdia. A cada mensagem repassada sem responsabilidade, a cada *print* compartilhado sem contexto, a cada vídeo editado para destruir alguém a mentira veste novamente as roupas da verdade e sai caminhando pelas nossas casas, comunidades, escolas, igrejas e famílias.

Há palavras que são como setas. Depois de lançadas, ferem. Como dizia a sabedoria simples de nossas mães, depois que o leite derrama, não é fácil recolher. Uma reputação atingida, uma família envergonhada, uma amizade rompida, uma comunidade dividida, uma pessoa esmagada pela calúnia carregam marcas. A mentira não fere apenas quem é acusado, ela também deforma o coração de quem acusa, de quem compartilha aquilo, de quem se alegra secretamente com a queda do outro ou ainda de quem acusa, justamente, para lançar luzes sobre o erro do outro e evitar que olhem para o seu.

Por tudo isso, não basta dizer que defendemos a verdade. É preciso perguntar que tipo de verdade defendemos e com que espírito fazemos isso. Há quem usa a verdade sem caridade e, ao fazer isso, transforma até um fato verdadeiro em instrumento de crueldade. Há quem seleciona apenas uma parte da realidade para justificar sua raiva. Há quem veste suas opiniões pessoais com

aparência de Evangelho. Há quem confunde fidelidade com dureza, zelo com agressividade, correção fraterna com exposição pública.

Jesus não compactuou com a mentira. Nunca. Mas também não permitiu que a verdade fosse manipulada pela violência. Diante da mulher acusada, Ele não entrou no jogo dos acusadores. Não se deixou arrastar pela pressa de condenar. Escreveu no chão, fez silêncio, obrigou cada um a olhar para dentro de si. “Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra” (Jo 8,7). Naquele momento, a verdade não foi negada, mas foi purificada da hipocrisia. A vida daquela mulher deixou de ser espetáculo nas mãos dos outros e voltou a ser lugar possível de recomeço.

Talvez precisemos reaprender esse gesto de Jesus. Antes de repassar, verificar. Antes de acusar, escutar. Antes de julgar, rezar. A prudência também é uma forma de caridade.

A verdade cristã exige coragem, mas também ternura. Exige firmeza, mas também humildade. Exige compromisso com a justiça, mas jamais autoriza a destruição da dignidade humana. Quem segue o Mestre de Nazaré não pode fazer da mentira uma ferramenta, nem da verdade uma pedra. Nossa palavra deve promover vida. Nossas mãos não devem espalhar a semente do joio. Nossos olhos precisam aprender a ver o outro não como inimigo, mas como irmão, mesmo quando for necessário corrigir, discordar ou denunciar.

No fundo, o cuidado com a verdade é também cuidado com o coração. Uma sociedade que se acostuma com a mentira adoce por dentro. Uma comunidade que vive de suspeitas perde a alegria da confiança. Uma família que se alimenta de acusações desaprende a fraternidade e a partilha sincera de vida.

Que a verdade volte a vestir suas próprias roupas entre nós. Que não tenhamos medo dela, mesmo quando ela nos desinstala. A verdade que vem de Deus não precisa destruir para libertar. Ela ilumina. Cura. Corrige. Reconcilia. Abre caminho.

Senhor, homem da verdade, guarda nossas palavras e nossas mãos. Livra-nos da pressa de julgar, da alegria em acusar e da tentação de espalhar aquilo que não sabemos se é verdadeiro. Dá-nos corações comprometidos com a verdade que liberta, olhos capazes de misericórdia e coragem para não vestir a mentira com roupas da verdade. Que nossas palavras promovam vida, justiça e dignidade e que, diante de cada rosto ferido, saibamos recordar que só a verdade unida ao amor é capaz de nos tornar verdadeiramente livres. Amém. ●

FÉ QUE
ATRAVESSA GERAÇÕES
E O ESCAPULÁRIO DE
**NOSSA
SENHORA
DO CARMO**

◆ Nayá Fernandes ◆

O escapulário de Nossa Senhora do Carmo pode não ser grande, muitas vezes fica escondido sob a roupa, quase invisível aos olhos de quem vê, mas, para milhões de católicos espalhados pelo mundo, ele carrega um significado profundo e muito importante. Não é apenas um objeto religioso, nem um simples adorno, é um sinal de fé, de proteção, de pertença e de compromisso com uma espiritualidade que atravessa séculos.



Para compreender o que o escapulário representa nas vidas das pessoas, basta ouvir histórias como as de Maria José Pinto Novaes, moradora de Itaperuna, no interior do Rio de Janeiro, e Luiz Antônio de Sousa, de Unaí, em Minas Gerais. Em diferentes estados, com trajetórias distintas, os dois têm algo em comum: aprenderam a devoção a Nossa Senhora do Carmo dentro da própria família e fizeram do escapulário uma presença constante em suas vidas.

Maria José não consegue se lembrar exatamente quando começou sua devoção, mas sabe que ela nasceu no ambiente familiar. “Eu conheci pela minha mãe”, conta. Como acontece com tantos vocacionados na Igreja, o caminho da fé foi sendo aprendido no convívio diário, nas orações e nos exemplos vividos dentro de casa.

Mais tarde, durante uma celebração religiosa, recebeu um escapulário das mãos de um sacerdote. O gesto marcou sua caminhada espiritual. “Desde esse dia para cá eu não o tiro mais”, afirma.

O uso do escapulário tornou-se tão natural em sua rotina que ela encontrou uma forma própria de carregá-lo sempre consigo. Como não gosta de usar correntes ou objetos no pescoço, adaptou o costume sem abrir mão da devoção. “Tudo que eu uso no pescoço me incomoda”, explica. Foi então que recebeu o conselho de uma senhora idosa para usar o escapulário preso à roupa. A sugestão deu certo e assim que ela continuou usando.

“Não fico sem meu escapulário, mas, principalmente quando faço uma viagem, estou sempre com ele”, diz.

A devoção de Maria José, porém, não se limita ao uso do escapulário. Em sua casa, uma imagem de Nossa Senhora do Carmo ocupa um lugar especial. Todos os anos ela realiza a novena em honra à Virgem do Carmo durante o mês de julho, período em que a Igreja celebra

sua memória litúrgica, mais especificamente no dia 16.

A oração também faz parte do seu cotidiano. “Quando eu rezo o Terço, peço sempre a intercessão de Nossa Senhora do Carmo”, relata. Em seguida, resume sua experiência de fé com simplicidade e convicção: “Nem um dia eu fico sem fazer uma súplica para Nossa Senhora do Carmo. Graças a Deus, acho que ela sempre atende”.

A mesma devoção que acompanha Maria José há décadas também faz parte da vida de Luiz Antônio de Sousa. Aos 70 anos, ele recorda que seu primeiro contato com o escapulário aconteceu ainda na infância, provavelmente por influência da mãe.



Imagem: Arquivo Pessoal

Maria José Pinto Novaes.

Naquela época, os escapulários mais comuns eram feitos de tecido, ligados por cordões. “Os primeiros que eu usei foram aqueles de cordão”, lembra. “Mas, eles se arrebatavam com frequência”, por isso, pelo uso constante, os fios se desgastavam e acabavam se rompendo. Mais tarde vieram os modelos metálicos, mais resis-

tentes, mas o significado permaneceu o mesmo. “Sou devoto de Nossa Senhora do Carmo e por isso uso escapulário”, afirma.

Ao falar sobre sua experiência, Luiz Antônio não faz grandes discursos teológicos. Sua devoção aparece justamente na simplicidade de quem incorporou a fé à própria vida. “Tem muitos anos que eu uso”, conta, “eu me acostumei a usar.”

Essa familiaridade com o escapulário tornou-se tão forte que ele percebe imediatamente sua ausência: “Se eu não usar, parece que está faltando alguma coisa”.



Imagem: Arquivo Pessoal

Luiz Antônio de Sousa.

A FÉ NO COTIDIANO DA VIDA

A frase de Luiz Antônio e a experiência de Maria José revelam algo que muitos devotos experimentam: o escapulário passa a ser uma recordação permanente da presença de Deus e da proteção materna de Maria. Não porque possua algum poder mágico, mas porque ajuda a manter viva a consciência da fé no cotidiano.

Para compreender melhor esse significado é preciso voltar muitos séculos na história da Igreja.

Segundo explica Frei Reinaldo Paraíso da Rocha, religioso carmelita e vigário da Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Unaí (MG), a devoção a Nossa Senhora do Carmo está entre as mais antigas devoções marianas da tradição cristã.

Sua origem está ligada ao monte Carmelo, na Terra Santa. Foi ali que os primeiros eremitas se reuniram para uma vida de oração e contemplação. No início do século XIII, construíram uma capela dedicada à Virgem Maria, reconhecendo-a como protetora da comunidade nascente. “A Ordem nasceu no monte Carmelo com essa devoção a Maria”, explica o religioso.

O escapulário, por sua vez, está ligado a uma tradição muito querida por toda a família carmelitana. Segundo o relato transmitido pela ordem, Nossa Senhora apareceu a São Simão Stock, então prior-geral dos carmelitas, em 16 de julho de 1251, entregando-lhe o escapulário como sinal de proteção e de sua especial assistência materna.

Para Frei Reinaldo, mais importante do que discutir os detalhes históricos do acontecimento é compreender a mensagem espiritual que ele transmite. “O escapulário tem esse significado de pertença a Nossa Senhora”, afirma.

Ao longo dos séculos, o símbolo difundiu-se muito além dos conventos carmelitas e hoje é utilizado por religiosos, religiosas e milhões de leigos em diversos países.

“O escapulário é, depois do terço, o objeto de devoção mais usado no mundo inteiro”, observa o frei.

Essa popularidade, entretanto, trouxe também algumas interpretações equivocadas. Muitas pessoas passaram a enxergar o escapulário apenas como um amuleto de proteção contra acidentes, doenças ou outros perigos.

O ESCAPULÁRIO NÃO É UM AMULETO

Frei Reinaldo faz questão de esclarecer esse ponto: “Muitos usam com a ideia de proteção contra acidentes ou até contra o inferno, mas o escapulário não é um amuleto. Para nós, carmelitas, ele significa pertença”.

O religioso lembra que o escapulário originalmente era parte do hábito usado pelos membros da Ordem do Carmo. A versão reduzida utilizada pelos leigos é uma participação simbólica nessa mesma espiritualidade.

“Quem usa o escapulário pertence a Nossa Senhora”, explica, “e podemos dizer também que participa da espiritualidade carmelitana”. Essa pertença traz consequências concretas para a vida cristã. O escapulário não é apenas um sinal externo, ele expressa um compromisso interior.

“O projeto de vida de quem usa o escapulário é testemunhar o amor de Deus, o amor de Cristo e

o amor da mãe de Jesus”, afirma Frei Reinaldo. Segundo ele, o devoto é chamado a viver de acordo com aquilo que o símbolo representa. A confiança na intercessão de presença de Nossa Senhora deve conduzir a uma vida mais próxima de Cristo, marcada pela oração, pela caridade e pelo testemunho da fé.

PROJETO DE VIDA E SANTIDADE

Essa compreensão encontra eco na tradição dos grandes santos do Carmelo. Santa Teresa de Jesus ensinava que a verdadeira devoção mariana não consiste apenas em palavras ou gestos exteriores, mas em uma amizade profunda com Cristo cultivada na oração diária.

Séculos mais tarde, São João Paulo II, que usou o escapulário durante toda a vida, definiu-o como “um sinal da aliança e da comunhão recíproca entre Maria e os fiéis”. Para o Pontífice, o escapulário recorda o chamado para viver o Evangelho sob a proteção da mãe de Deus.

Num tempo em que muitas famílias enfrentam dificuldades para transmitir a fé às novas gerações, Frei Reinaldo acredita que o testemunho dos devotos continua sendo fundamental: “Quem usa o escapulário demonstra sua confiança em Jesus e em Nossa Senhora”, afirma, “testemunha sua fé, sua pertença à Igreja e sua espiritualidade”.

Presente nas viagens de Maria José, o escapulário inspira as orações que ela faz diante da imagem de Nossa Senhora do Carmo, nas novenas celebradas todos os anos. Está também na rotina de Luiz Antônio, que há décadas se acostumou a carregá-lo consigo e sente sua falta quando não o usa.

Histórias simples, semelhantes às de milhares de outros devotos, mostram que a espiritualidade carmelitana continua viva. Sob o manto de Maria, homens e mulheres seguem encontrando no escapulário um lembrete diário de que a fé não é apenas algo em que se acredita, mas algo que se vive. ●

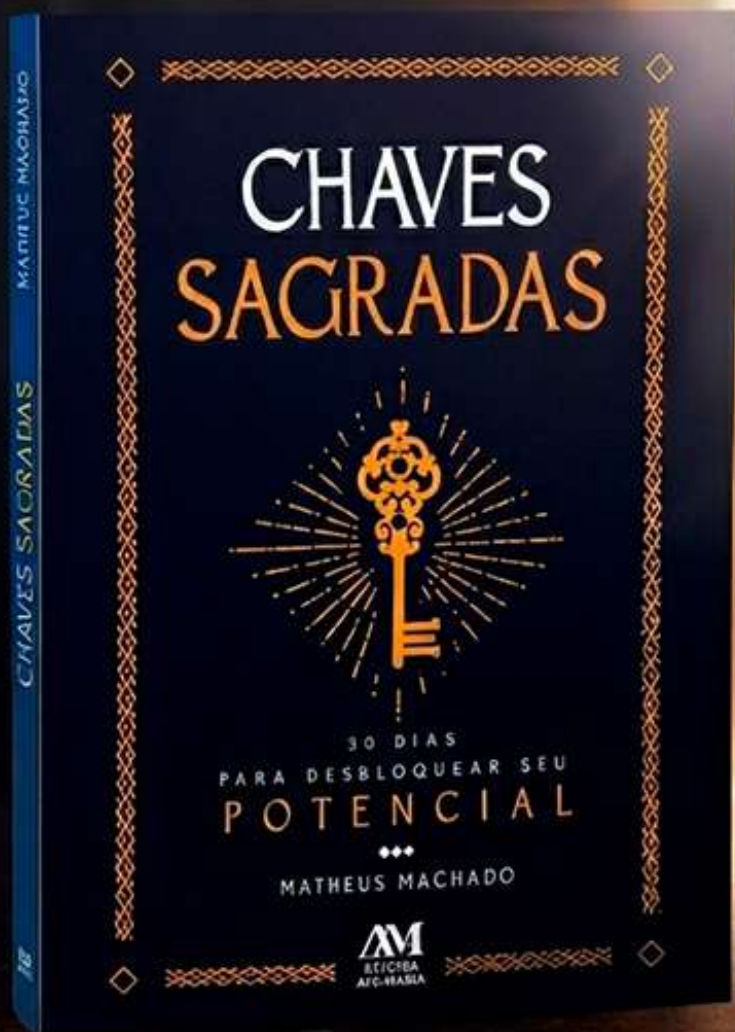


Imagem: Arquivo Pessoal

Frei Reinaldo Paraiso da Rocha.



MATHEUS
MACHADO



A CHAVE PARA A SUA TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

ACESSE O SITE AVEMARIA.COM.BR E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA

MOSTEIRO DO PRECIOSÍSSIMO SANGUE DE JESUS EM JACAREZINHO (PR)

Imagem: rotadorosario.org



◆ Da Redação ◆

O Mosteiro do Preciosíssimo Sangue de Jesus está localizado no município de Jacarezinho, no estado do Paraná, na Rua Quintino Bocaiúva, nº 301, no Centro da cidade.



Sua instalação ocorreu no dia 29 de março de 2014, por iniciativa da Diocese de Jacarezinho, quando o bispo diocesano, dom Antônio Braz Benevente, presidiu a celebração eucarística de instalação do novo mosteiro



O espaço foi estabelecido no antigo Lar São Vicente, que passou a ser adaptado para acolher a vida contemplativa das irmãs da Fraternidade Missionária O Caminho. A partir desse momento, o local tornou-se residência de seis irmãs pioneiras da fraternidade, dedicadas à vida de oração e clausura.

A presença das monjas no mosteiro marca a inserção da vida contemplativa na diocese, com a missão de interceder pela Igreja, pelas famílias, pelas vocações e pelas necessidades espirituais da região. Trata-se de uma presença silenciosa e orante, própria da vida monástica, voltada inteiramente à entrega a Deus.

A Fraternidade Missionária O Caminho, à qual pertencem as irmãs, teve origem em São Paulo, a partir da iniciativa do padre Gilson, junto a jovens e colaboradores que buscavam responder aos desafios sociais enfrentados por adolescentes em situação de vulnerabilidade. Com o tempo, essa experiência inicial de acolhimento e vida comunitária se expandiu, dando origem a uma obra de caráter missionário e contemplativo, presente hoje em diferentes países e dioceses.

O Mosteiro do Preciosíssimo Sangue de Jesus, em Jacarezinho, insere-se nesse percurso como expressão da dimensão contemplativa da fraternidade, oferecendo à Igreja local um espaço permanente de oração e intercessão. ●

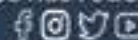
Rogai por nós:
Santa Mãe de Deus!



Este livro traz uma coleção de salmos escritos especialmente em louvor à Santíssima Virgem Mãe de Jesus e nossa. Através das palavras de São Boaventura, teólogo e Doutor da Igreja, cada um dos 150 salmos dessa obra, levam o leitor a ter um profundo amor e confiança em Nossa Senhora, e com ela, caminhar ao encontro com o Senhor.

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Siga-nos nas redes sociais:



Na livraria católica mais próxima de você
ou em: www.avemaria.com.br



PALAVRA DO PAPA

Papa Leão XIV sobre a *Sacrosanctum Concilium*

◆ Da Redação ◆

Na catequese da Audiência Geral desta quarta-feira (27/05), o Papa Leão XIV deu continuidade ao ciclo dedicado à Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, destacando a importância da fidelidade à tradição litúrgica da Igreja em diálogo com o legítimo desenvolvimento ao longo da história.

Logo no início de sua reflexão, o Papa recordou um ensinamento da Encíclica *Mediator Dei*, de Pio XII: “A Igreja é um organismo vivo e, por isso, ainda no que diz respeito à sagrada liturgia, firme a integridade de seu ensinamento, cresce e se desenvolve, adaptando-se e conformando-se às circunstâncias e às exigências que se verificam no correr dos tempos”.

Imagem: Vatican News / Vatican Media

TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO NA VIDA LITÚRGICA DA IGREJA

Ao aprofundar a continuidade entre o Magistério e o Concílio Vaticano II, Leão XIV afirmou: “Em plena continuidade com este princípio, o Concílio Vaticano II, no Preâmbulo da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, julga «dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia»”.

O Papa recordou ainda o propósito pastoral do Concílio: “A assembleia conciliar tinha sido convocada, de fato, com o objetivo de «fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições suscetíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os fiéis em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja»”.

Segundo ele, esse período histórico foi marcado por uma consciência mais profunda da necessidade de renovação: “Naquele momento histórico, sentia-se fortemente a necessidade de uma renovação das formas rituais, através das quais, há séculos, a Igreja realizava a glorificação de Deus e a santificação do povo cristão”.

FIDELIDADE À TRADIÇÃO E PROGRESSO LEGÍTIMO

O Santo Padre também destacou o equilíbrio proposto pelo Concílio: “Para facilitar o acesso dos fiéis à riqueza dos dons da graça concedidos pela sagrada liturgia, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* indica, assim, com uma fórmula muito eficaz, o caminho a seguir: «Conservar a sã tradição e abrir ao mesmo tempo o caminho a um progresso legítimo»”.

Nesse sentido, explicou que o verdadeiro desenvolvimento litúrgico não rompe com a tradição, mas nasce dela: “O Concílio Vaticano II afirma a legitimidade desse progresso enraizado na autêntica Tradição, distinguindo, no seio da liturgia, «uma parte imutável, porque de instituição divina», das «partes suscetíveis de modificação»”.

O Papa recordou ainda que tais mudanças sempre fizeram parte da história da Igreja: “Mudanças deste gênero ocorreram constantemente ao longo dos séculos, a fim de permitir aos fiéis uma participação frutuosa, por meio das ações rituais, no mistério pascal de Cristo, fundamento da fé cristã”.

A LITURGIJA COMO AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

Em sua catequese, Leão XIV destacou também o valor evangelizador da liturgia ao longo da história: “O culto da Igreja ‘encarnou-se’, portanto, nas formas culturais de cada época e foi capaz de influenciá-las e até mesmo de as transformar. A liturgia foi assim, durante séculos, um motor de evangelização. Hoje, é necessário renovar esta energia em continuidade com a autêntica e viva tradição católica, isto é, segundo uma dinâmica destinada a introduzir os fiéis na plenitude da verdade”.

RESPEITO ÀS NORMAS E COMUNHÃO ECLESIAL

Ao concluir, o Pontífice reforçou a necessidade de fidelidade às normas litúrgicas como expressão de comunhão: “O Magistério conciliar convida a evitar a desorientação dos fiéis, dissuadindo qualquer pessoa de acrescentar, retirar ou modificar algo, em matéria litúrgica, por iniciativa própria. O progresso evocado pela Constituição conciliar não compromete de modo algum a comunhão eclesial: pretende, antes, confirmá-la e favorecê-la”.

Por fim, dirigindo-se especialmente aos responsáveis pela celebração litúrgica, o Papa exortou: “Exorto, portanto, todos aqueles que são chamados a preparar a celebração dos divinos mistérios, em particular os sacerdotes que exercem o ministério da presidência litúrgica, a zelarem sempre por aquele respeito pelos textos e pelas normas da liturgia que brota de uma atitude interior de disponibilidade e de confiança em Deus, manifestando humildade perante a Sua grandeza e uma sincera fidelidade à comunhão eclesial”. ●

INTENÇÕES DE ORAÇÃO DO SANTO PADRE CONFIADAS À SUA REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO

Respeito à vida humana

Rezemos pelo respeito e pela proteção da vida humana em todas as suas etapas, reconhecendo-a como um dom de Deus.

O QUE SERIA A
IGREJA EM SAÍDA
NESTAS

“ESTRADAS DIGITAIS”?

Imagem: freepik

O ESCAPULÁRIO

DE NOSSA SENHORA DO CARMO

◆ Matheus Pinheiro* ◆

No mês de julho, a Igreja celebra com carinho a memória de Nossa Senhora do Carmo, uma devoção que nasceu a partir da espiritualidade do Ordem do Carmo e que nos lembra uma verdade muito bonita: Maria sempre nos conduz para mais perto de Jesus.



A tradição carmelita conta que, no século XIII, Maria apareceu a São Simão Stock e entregou o escapulário como um sinal de proteção e compromisso



Com o tempo, esse pequeno objeto se tornou um dos sacra-

mentais mais conhecidos da Igreja.

O escapulário não é um amuleto ou uma “garantia automática” de salvação. Ele é um sinal externo de uma decisão interior: pertencer a Deus, confiar na intercessão de Maria e buscar uma vida mais próxima do Evangelho. Quem usa o escapulário é chamado a lembrar todos os dias que deseja caminhar com Maria e aprender dela a seguir Jesus.

Assim como Maria esteve presente na vida de Cristo, desde o nascimento até a cruz, ela continua apontando o caminho para Ele. O escapulário nos recorda que a fé não deve ficar apenas nas palavras, mas precisa aparecer nas escolhas, na oração, na caridade e na busca pela santidade.

Neste mês de Nossa Senhora do Carmo, somos convidados a olhar para Maria não apenas como alguém que admiramos, mas como uma mãe que nos ensina a confiar em Deus. Que o escapulário seja para nós um lembrete diário: somos chamados a viver com o coração voltado para o Céu.

Dica prática: ao colocar ou tocar seu escapulário durante o dia, faça uma pequena oração e peça a Maria que ajude você a viver mais perto de Jesus. ●

***Matheus Pinheiro**, mais conhecido na *internet* como Math ou Cristocêntrico, começou sua jornada nas redes sociais em 2012, com um canal no *YouTube*. Há 12 anos, ele embarcou na aventura de evangelizar online e descobriu que milhões de jovens católicos se identificavam com o seu jeito de falar e com a maneira como vive a sua fé e religião.



imagens freepik

CONHEÇA O COSTUME BENEDITINO E FRANCISCANO DA TROCA DE PEIXES E AZEITE

♦ Fr. Augusto Luiz Gabriel, ofm* ♦

Entre as muitas tradições que enriquecem a vida da Igreja, existe uma que permanece pouco conhecida fora dos mosteiros e conventos: a troca de peixes e azeite entre franciscanos e beneditinos. Trata-se de um gesto simples, mas carregado de história, gratidão e espiritualidade, cujas raízes remontam ao próprio São Francisco de Assis.

Quando Francisco iniciou sua experiência de vida evangélica, por volta de 1210, procurava um lugar onde pudesse reunir os primeiros irmãos. Dirigiu-se inicialmente ao bispo de Assis e aos cônegos de São Rufino, pedindo uma pequena igreja para acolher a nascente fraternidade. Não obteve sucesso. Foi então ao encontro do abade beneditino Dom Teobaldo, que, sensibilizado pelo testemunho daquele jovem convertido, apresentou o pedido à comunidade monástica.

Os monges concordaram em ceder a pequena igreja de Santa Maria dos Anjos, conhecida como Porciúncula. O local, pertencente

aos beneditinos do Monte Subásio, tornar-se-ia o coração da espiritualidade franciscana. Ali, Francisco compreendeu sua vocação, acolheu novos irmãos, recebeu Santa Clara e viveu alguns dos momentos mais marcantes de sua trajetória.



A única condição apresentada pelos monges era que, se a fraternidade crescesse, a Porciúncula permanecesse para sempre como casa-mãe da Ordem. O pedido foi fielmente cumprido



Na *Primeira Vida de São Francisco*, de Tomás de Celano (1Cel 106), encontra-se o amor de Francisco pela Porciúncula: “Cuidai, filhos, para nunca deixardes este lugar. Se fordes expulsos por uma parte, entrai de novo por outra; pois este lugar

é verdadeiramente santo e habitação de Deus. Aqui, quando éramos poucos, o Altíssimo nos aumentou; aqui, com a luz de sua sabedoria, ele iluminou os corações de seus pobres; aqui, como fogo de seu amor, inflamou as nossas vontades”. Assim, ainda hoje, para os franciscanos de todo o mundo, aquele pequeno santuário é o lugar das origens, onde tudo começou.

Outro vínculo importante entre as duas famílias religiosas surgiu com Santa Clara. Após deixar a casa paterna para seguir o ideal evangélico de Francisco, ela e sua irmã Inês foram acolhidas pelas monjas beneditinas da Abadia de São Paulo. Antes mesmo da fundação definitiva de São Damião, as beneditinas ofereceram proteção e apoio às primeiras clarissas.

As *Fontes Franciscanas* revelam o profundo amor de Francisco pelos lugares sagrados. Em seu Testamento, ele escreve: “O Senhor me deu tal fé nas igrejas que eu simplesmente orava e dizia: Nós



vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que estão no mundo inteiro, e vos bendizemos, porque pela vossa santa cruz remistes o mundo” (TEST 4). Essa fé também se manifestou na gratidão para com aqueles que acolheram sua vocação e seus irmãos.

Como sinal desse reconhecimento, nasceu o costume de os franciscanos oferecerem peixes aos beneditinos. A tradição recorda que o próprio São Francisco enviava anualmente um cesto de peixes aos monges, em agradecimento pela Porciúncula. Em retribuição, os beneditinos presenteariam os frades com azeite, símbolo bíblico da bênção, da luz e da alegria.

“E, embora o abade e os monges tivessem concedido livremente ao bem-aventurado Francisco e a seus frades aquela igreja, sem nenhuma exigência ou pagamento anual, todavia o bem-aventurado Francisco, como um bom e experimentado mestre que quis edificar sua casa sobre a pedra firme, isto é, a sua congregação sobre a grande pobreza, mandava todos os anos ele mesmo um cestinho cheio de peixinhos chamados lascas como sinal da maior humildade e pobreza” (*Compilação de Assis*, 56).

Ainda hoje, em diversas comunidades, especialmente na festa de São Bento, em 11 de julho, e na festa de São Francisco, em 4 de outubro, esse gesto continua sendo realizado. Mais do que uma troca de presentes, trata-se de uma celebração da fraternidade entre dois grandes carismas da Igreja.

Em tempos marcados pelo individualismo e pela competição, o peixe oferecido pelos franciscanos e o azeite oferecido pelos beneditinos continuam a proclamar uma verdade profundamente evangélica: a gratidão preserva a memória, fortalece a fraternidade e faz florescer a obra de Deus na história.

São Bento e São Francisco, rogai por nós! ●

***Fr. Augusto Luiz Gabriel, ofm** é Religioso franciscano da Ordem dos Frades Menores. Natural de Xaxim (SC), atualmente reside na Fraternidade São Pedro Apóstolo, em Pato Branco (PR). Presidente da Fundação Frei Rogério e vice-presidente da Rede Celinauta de Comunicação, atua na gestão de meios de rádio e televisão. Além disso, é guardião da fraternidade, animador das juventudes da Província da Imaculada Conceição do Brasil, responsável pelo Serviço de Animação Vocacional (SAV) local e vigário paroquial.



REDES SOCIAIS: BEM OU MAL A VERDADE?

◆ Pe. Luiz Antônio de Araújo Guimarães ◆

Quando trata do oitavo mandamento, o *Catecismo da Igreja Católica* apresenta orientações sobre o uso dos meios de comunicação social de tal forma que eles contribuam para o bem comum de todos, veiculando conteúdos verdadeiros, que edificam. Dentre esses meios destacam-se as mídias sociais e, num aspecto mais restrito, as redes sociais, por se tratar de uma comunicação interativa, direta e de um alcance enorme, porém, é preciso ser cauteloso com o que se consome delas e pensar sempre se isso diz respeito ou não à verdade.



O mundo da pós-modernidade tem se mostrado cada vez mais tecnológico, o que possibilita um acesso extremamente rápido às notícias. Com o uso das redes sociais, por exemplo, a notícia chega quase que de imediato à palma da mão



Alguns teóricos postulam que essas redes democratizam a comunicação e o acesso à informação e disso não há o que duvidar, no entanto, elas constituem um grande risco à construção da verdade, que deve ter todo um contexto senão vira pretexto para cada pessoa ter a sua interpretação. Colocando de lado a ideia da interação na rede, mas pensando em comunicação de notícias via redes sociais, a primei-

ra preocupação que um cristão deve ter antes de postar algo é com a ética. “A sociedade tem direito a uma informação fundada na verdade, na liberdade, na justiça e na solidariedade. ‘O uso reto deste direito requer que a comunicação seja, quanto ao objeto, sempre verdadeira, e quanto ao respeito pelas exigências da justiça e da caridade, completa; quanto ao modo, que seja honesta e conveniente, quer dizer, que na obtenção e difusão das notícias, observe absolutamente as leis morais, os direitos e a dignidade do homem’” é o que diz o *Catecismo da Igreja Católica* (2494).

Se por um lado o que se posta nas redes sociais deve ser pautado pela ética, o que se vê por meio delas, isto é, o que se consome também deve passar por esse mesmo crivo, a fim de observar se o conteúdo visto diz respeito ou não à verdade. Orienta o *Catecismo da Igreja Católica* (2496): “Os meios de comunicação social (em particular os *mass media*) podem gerar certa passividade nos usuários, fazendo deles consumidores pouco cautelosos de mensagens e espetáculos. Os usuários devem impor a si próprios moderação e disciplina em relação aos *mass media*. Hão de formar uma consciência esclarecida e reta, para resistir mais facilmente às influências menos honestas”. Perceba quanto a Igreja é mãe e mestra ao chamar a atenção dos seus filhos quanto ao uso desses meios. Ela afirma que os usuários das *mass media* (meios de comunicação de massa) devem ter uma consciência esclarecida e reta a fim de não se

deixar levar por conteúdos falsos.

Em toda comunicação há um emissor e um receptor da mensagem, veiculada por meio de um canal. Pensando nas redes sociais, que têm uma comunicação instantânea, aumenta ainda mais a responsabilidade de ambos em pensar na verdade. O autor da mensagem, antes de postá-la, deve pensar numa comunicação direta, rápida, mas que tem conteúdo, sem dar margem a quaisquer outras interpretações; o receptor, entretanto, ao ler a mensagem, mesmo que rapidamente, deve ter a clareza do que leu e, antes de compartilhá-la, averiguar se aquele conteúdo procede ou não. Se cada um faz sua parte, a comunicação torna-se eficiente e eficaz, produzindo um ambiente, mesmo que virtual, transparente, pautado pela luz da verdade.

Convém dizer, por fim, que as redes sociais e os conteúdos que estão nelas dependem única e exclusivamente de quem as alimenta e as consome. Dizer se são um bem ou um mal à verdade vai depender da intenção desses elementos citados, por isso, sempre que você se colocar na condição de produtor de conteúdo pense: “Este conteúdo é verdadeiro? Está claro para o outro?”. Já na condição de receptor, questione-se: “O que o outro quis dizer? Qual é o contexto desta mensagem?”. Questionando-se, você buscará enxergar se isso diz respeito ou não à verdade. Enfim, que se analise sempre o contexto porque, como diz a máxima, texto fora de contexto vira pretexto. Uma consciência esclarecida e cautelosa será, pois, a melhor medida. ●

prevenir o *burnout*, melhorar a autoestima e promover relações mais saudáveis. O autocuidado é um investimento, não é um luxo. Urge normalizar o autocuidado como prática necessária e legítima, desmistificando a ideia de que priorizar o bem-estar pessoal é um ato egoísta. Como refere Lakshmin, “O autocuidado de verdade não é algo que compramos. É algo que construímos”. Um carro precisa de revisões, óleo, freios em condições. O autocuidado é essa manutenção emocional e física que nos impede de “quebrar no meio de uma viagem”. O egoísmo seria bloquear a estrada para mudar os pneus no meio do trânsito sem avisar ninguém, o autocuidado é planejar as paradas certas para seguirmos em segurança.

Em suma, autocuidado não é egoísmo: o egoísmo ignora o impacto que as nossas ações têm nos outros, o autocuidado, pelo contrário, reconhece que para estarmos disponíveis e presentes para os outros temos de começar por estar bem conosco. ●

***Doutora Elisabete Teixeira**
é formada em Psicologia.

Imagem: Freepik



A CASA COMO ESPAÇO DE MISSÃO DE TODO CRISTÃO

◆ Pe. Rodolfo Faria ◆

Estimado(a) leitor(a) da *Revista Ave Maria*, o mês de julho é marcado pelos novos desafios na evangelização. É preciso compreender nossas casas como espaços de missão, sobretudo porque temos pessoas que são batizadas, entretanto, não são evangelizadas.



Imagem: Freepik

VIVA MELHOR

OITO DICAS
SIMPLES PARA
ALIVIAR O

ESTRESSE

Imagem: Freepik

◆ Tua Saúde* ◆

O estresse é uma resposta natural do corpo diante de situações desafiadoras, podendo afetar o humor, o sono, o apetite e até o funcionamento físico, com aumento dos batimentos cardíacos e dores de cabeça, por isso, adotar hábitos simples no dia a dia pode ajudar a reduzir seus efeitos, promovendo mais equilíbrio emocional, bem-estar e qualidade de vida.

1. PRATICAR ATIVIDADES FÍSICAS

Exercitar-se por pelo menos trinta minutos ao dia ajuda a liberar endorfinas, substâncias que melhoram o humor e reduzem a tensão. Caminhada, dança, corrida, natação ou musculação são boas opções.

2. FAZER RESPIRAÇÃO DIAFRAGMÁTICA

A respiração profunda com o diafragma ajuda a acalmar o sistema nervoso e reduzir sintomas de ansiedade e estresse. Pode ser feita sentado ou deitado, por cinco a dez minutos, focando em inspirar profundamente pelo nariz e expirar lentamente.

3. USAR CALMANTES NATURAIS

Plantas como camomila, valeriana, lavanda e passiflora possuem efeito relaxante. Podem ser usadas em chás, cápsulas ou óleos essenciais, auxiliando no relaxamento e na melhora do sono.

4. MEDITAR

A meditação ajuda a reduzir pensamentos acelerados e promove foco e calma. Em um ambiente tranquilo, basta respirar profundamente e manter a atenção na respiração por cinco a vinte minutos diariamente.

5. FAZER PSICOTERAPIA

A terapia auxilia no autoconhecimento e no desenvolvimento de estratégias para lidar com emoções. Abordagens como terapia cognitivo-comportamental e psicanálise são eficazes no controle do estresse.

6. DESCANSAR ADEQUADAMENTE

O descanso é essencial para recuperar corpo e mente. Reservar momentos de pausa, fins de semana livres ou até pequenas férias pode ajudar a reduzir a sobrecarga emocional.

7. FAZER MASSAGENS RELAXANTES

As massagens ajudam a aliviar tensões musculares, reduzir dores e promover sensação de relaxamento, sendo uma ótima forma de aliviar o estresse acumulado.

8. MANTER UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Uma dieta equilibrada, rica em magnésio, ômega-3, fibras e triptofano (presentes em alimentos como bananas, nozes, sardinha e chocolate amargo), contribui para o equilíbrio do organismo e da produção de serotonina, favorecendo o bem-estar.

Adotar essas práticas de forma constante pode ajudar a reduzir significativamente os efeitos do estresse e promover uma vida mais leve e saudável. ●

*Tua Saúde é um espaço informativo, de divulgação e educação sobre temas relacionados com saúde, nutrição e bem-estar.



Imagem: Freepik



Imagem: Reprodução/WEB

BOLO DE LARANJA

INGREDIENTES

- 4 ovos
- 2 xícaras (chá) de açúcar
- 1 xícara (chá) de óleo
- Suco de 2 laranjas
- Casca de 1 laranja
- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo
- 1 colher (sopa) de fermento

MODO DE PREPARO

Bata no liquidificador os ovos, o açúcar, o óleo, o suco e a casca da laranja. Passe para uma tigela e acrescente a farinha de trigo e o fermento. Leve para assar em uma forma com furo central, untada e enfarinhada, por mais ou menos 30 minutos. Desenforme o bolo e molhe com suco de laranja.

BOLO DE CHOCOLATE DE LIQUIDIFICADOR

INGREDIENTES

Massa

- 1 xícara (chá) de leite morno
- 3 ovos
- 4 colheres (sopa) de margarina derretida
- 2 xícaras (chá) de açúcar
- 1 xícara (chá) de chocolate em pó
- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo
- 1 colher (sopa) de fermento químico em pó

Cobertura

- 1 xícara (chá) de açúcar
- 3 colheres (sopa) de amido de milho
- 5 colheres (sopa) de chocolate em pó
- 1 xícara (chá) de água
- 3 colheres (sopa) de margarina ou manteiga
- 1 colher (chá) de essência de baunilha

MODO DE PREPARO

Massa

Bata bem todos os ingredientes da massa (menos o fermento) no liquidificador, aproximadamente por 2 a 3 minutos. Acrescente o fermento e bata por mais uns 15 segundos. Coloque a massa em uma forma redonda, untada com manteiga e polvilhada com farinha de trigo. Asses por cerca de 40 minutos em forno médio (180 °C) preaquecido.

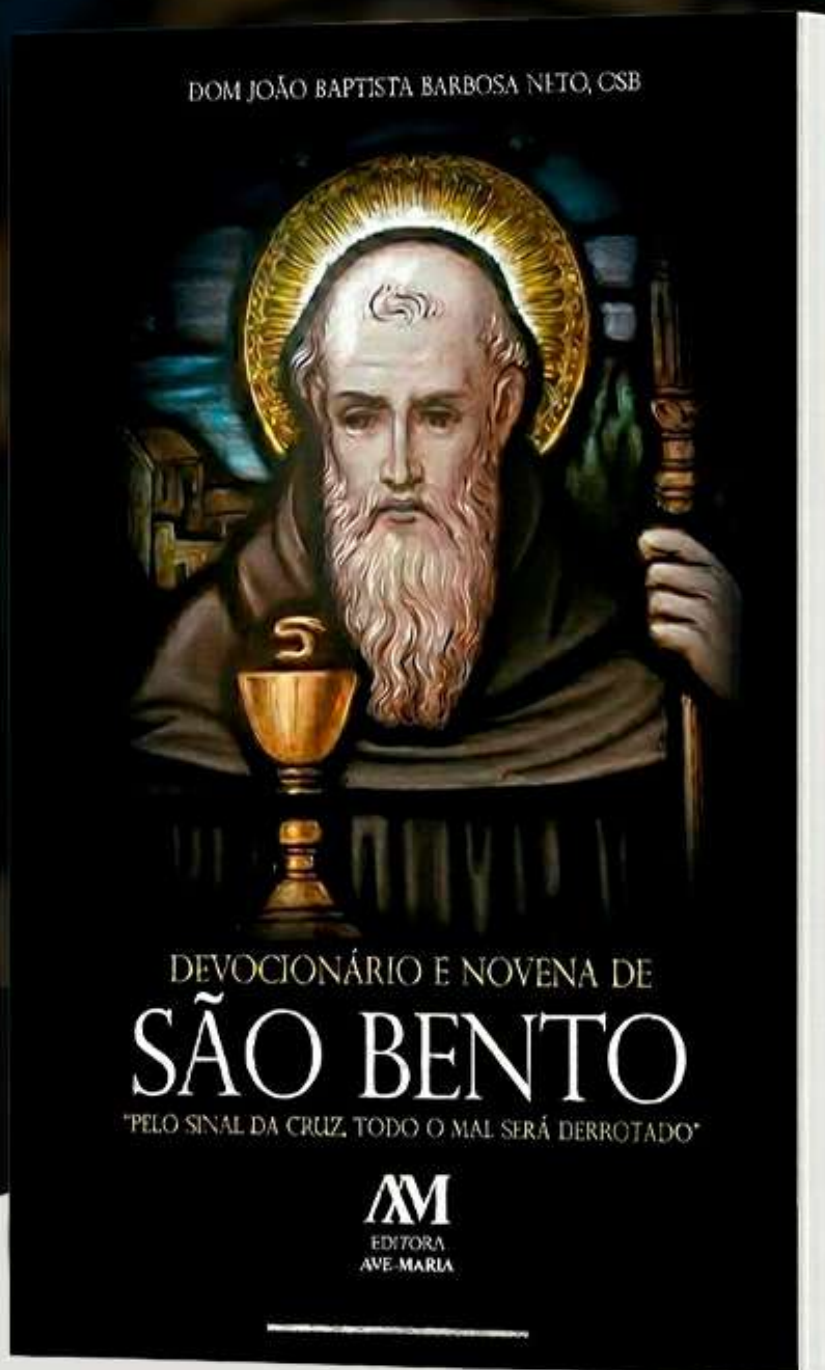
Cobertura

Leve todos os ingredientes ao fogo até engrossar, em ponto de brigadeiro. Cubra o bolo em seguida.



Imagem: Reprodução/WEB

DEVOCIONÁRIO E NOVENA DE SÃO BENTO: FORÇA E PROTEÇÃO DIÁRIA



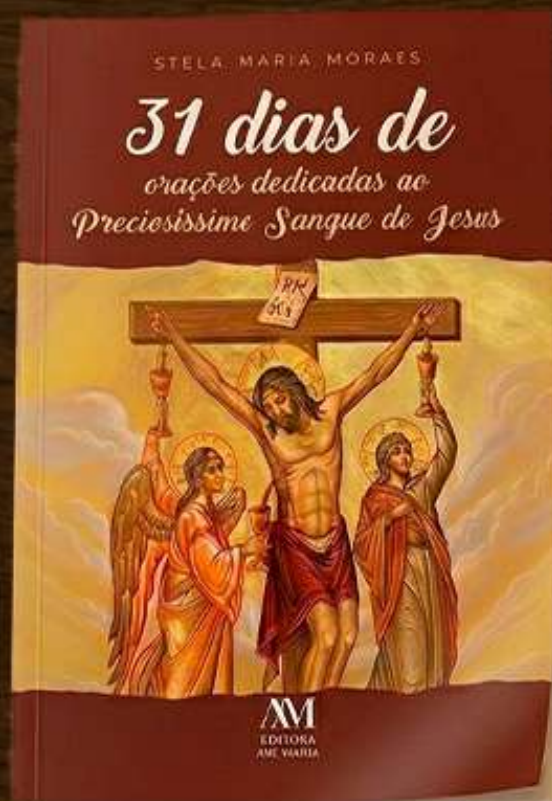
ACESSE O SITE AVEMARIA.COM.BR E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA

O Sangue que Cura, Protege e Liberta

Um devocionário com 31 dias de orações dedicadas ao Preciosíssimo Sangue de Jesus, fonte de graça, proteção e renovação espiritual.



Stela Maria Moraes

ACESSE O SITE **AVEMARIA.COM.BR** E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS

